

O acontecimento mais importante da semana foi o 47a. Conferência da União Interparlamentar. Diante do Palácio Tiradentes, ondularam as bandeiras de dezenas de países, até mesmo de países com os quais o Brasil infelizmente não tem relações, como a União Soviética. Lia, sobre a Conferência, uma reportagem de PAULO MOTTA LIMA, na pagina central.

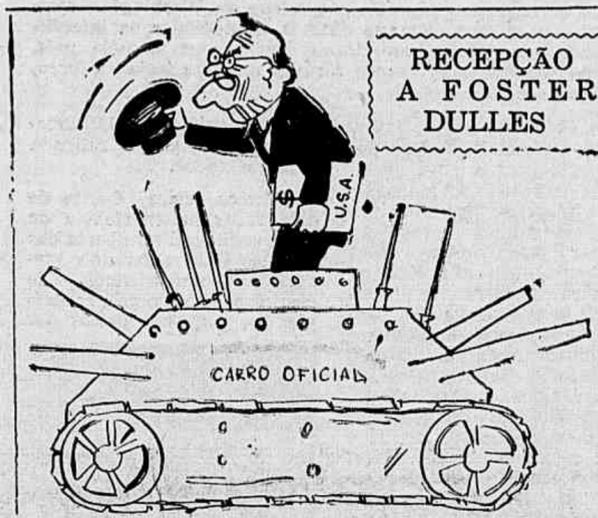
FOSTER DULLES — AMEAÇA A PETROBRÁS E À DEMOCRACIA

Leia Editorial Na Terceira Página

URGENTE A REALIZAÇÃO

DA REUNIÃO DE CÚPULA

(Crônica Internacional
na 2a. Página)



VOZ OPERÁRIA

Nº 478 — RIO DE JANEIRO, 2 DE AGOSTO DE 1958

LEIA

Nesta Edição

- ★ O Movimento Nacionalista e o Capital Estrangeiro — Comentário Econômico (3ª Página)
- ★ Pela Paz, Pela Vitória do Socialismo na Alemanha — Informe de W. Ulbricht (4ª Página)
- ★ O Partido e o Movimento da Juventude — Intervenção de Melo (5ª Página)
- ★ História de Lutas dos Operários na Indústria de Calçados — Reportagem de Luiz Ghilardini (9ª Página)
- ★ Problemas de II Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal — Artigo de Roberto Morena (9ª Página)

PREÇO
do Exemplar
3⁰⁰

Realizou-se no Distrito Federal, de 29 a 31 de julho, o II Congresso Nacional Extraordinário dos Funcionários Públicos. No clichê (ao alto) o sr. Lício Hauer, presidente da UNSP e do Congresso, quando pronunciava o discurso de abertura. Em baixo — um aspecto do plenário. (LEIA NA 10ª PÁGINA)



3ª POSIÇÃO: MANOBRA DOS TRUSTES
Artigo de FERNANDO LUIZ LOBO CARNEIRO

(Leia na 12ª página)

INTERVENÇÃO AMERICANA EM CUBA E NO HAITI

No mesmo dia, a 30 de julho, os jornais noticiavam o desembarque de fuzileiros navais norte-americanos em Cuba e a participação de cidadãos norte-americanos numa tentativa de derrubar o governo do Haiti.

Assim, tentam voltar os imperialistas dos Estados Unidos à antiga e odiosa política do «big stick» seguida no século passado pelo finado Theodore Roosevelt. Depois da agressão dos norte-americanos ao Líbano, o desembarque dos fuzileiros yanques em Cuba é um fato sintomático e alarmante para o mundo, e em particular para os povos da América Latina. A intervenção armada acompanhou sempre, invariavelmente, a política dos monopólios dos Estados Unidos neste continente. Tem sido uma constante da «Doutrina de Monroe». Dela tem lançado mão o governo de Washington sempre que trata de impôr sua diretiva ou defender os interesses dos monopolistas americanos neste ou naquele país. Quando não consegue fazê-lo através de seus testas-de-ferro, age aberta e clinicamente.

Em Cuba, há meses, lavra a luta armada das forças populares contra o governo tirânico de Batista. Como acontece em geral, os governantes americanos procuram manter precisamente esses ditadores, pois são eles os melhores agentes dos trustes. O desembarque dos fuzileiros americanos em Cuba é a melhor prova do apoio à ditadura de Batista pelos Estados Unidos. Contra essa injustificada intervenção se pronunciou energicamente o líder rebelde cubano, Fidel Castro, caracterizando-a como «uma violação da soberania de Cuba» e um «retorno às épocas de força e abuso».

No Haiti, foi abortado um golpe militar contra o governo do presidente Duvalier. A agência americana United Press International menciona o fato de terem sido mortos dois norte-americanos entre os invasores do país, que haviam desembarcado por terra e pelo ar. Um dos americanos era o ex-adido aeronáutico dos E.E.U.U. no Haiti. O outro, um ex-sherif de Miami, de sobrenome Payne. A participação dos norte-americanos envolveu o próprio embaixador dos E.E.U.U. no Haiti, Gerald Drew e outro membro da embaixada em Porto Príncipe. O governo

haitiano exigiu do Departamento de Estado a retirada do embaixador.

Estamos assim diante de dois fatos incontestáveis de intervenção militar aberta dos Estados Unidos em dois países latino-americanos, de desprezo absoluto pela soberania dos pequenos países por



Acaba de visitar a União Soviética o líder do Partido Democrata dos Estados Unidos, sr. Adlai Stevenson (o segundo à direita). O ex-candidato à presidência do governo americano esteve no Kremlin. Esta foto fixa sua visita ao

parte do governo de Washington.

Acreditarão, porém, Eisenhower e Dulles que os povos latino-americanos assistirão de braços cruzados a semelhantes atos, que ferem a dois povos e que ameaça a todos? Os povos da América Latina não temem tais arremessos dos imperialistas yanques. Foram-se os tempos em que a presença de fuzileiros navais ou de navios de guerra norte-americanos impunha a «ordem» desejada pelos Estados Unidos. Vivemos outra época. Os povos da América Latina decidem por si mesmos os seus destinos. A queda inexorável das ditaduras serviais de Washington em diferentes países deste continente é a melhor prova de que os imperialistas americanos estão condenados ao fracasso em sua política de imposições pela força.



A intervenção norte-americana no Oriente Médio provocou justa indignação entre o povo soviético, que, com esse ato, viu a paz mundial seriamente ameaçada. Protestos se avolumaram entre os trabalhadores de Moscou. Em 18 de julho centenas de milhares de trabalhadores da capital soviética realizaram uma demonstração em frente à embaixada dos Estados Unidos. Vemo-los aqui, na Praça Manejina, no coração de Moscou, ao dirigirem-se para a sede da embaixada americana. Alguns manifestantes trazem às mãos cartazes com os dizeres: «Tirem as mãos do Iraque!» «Tirem as mãos do Líbano!»

Nova e Importante Vitória Do Povo Venezuelano

Os acontecimentos que culminaram com a greve geral de 23 de julho em Caracas revestiram-se de extraordinária importância, não só para a Venezuela, como para o movimento democrático geral de toda a América Latina. As forças reacionárias sofreram séria derrota, ao tentarem barrar, por meio de um golpe de Estado, a evolução progressista que cada vez mais caracteriza a situação política venezuelana.

Foram instrumentos dessa tentativa um grupo de oficiais do exército de tendência direita, tendo como figura de proa o próprio ministro da Guerra da Junta Provisória, general Castro Leon. Esse grupo exigia o adiamento das eleições, o afastamento dos membros do partido

Accion Democrática dos postos que ocupam no governo, e a proscricção desse partido e do Partido Comunista Venezuelano.

O presidente da Junta Provisória, almirante Larrazabal que há pouco mais de um mês havia oposito democrática resistência a uma exigência análoga, feita por dois membros civis do governo, levando-os a se demitirem, repeliu a intimação, e apelou para a unidade nacional em defesa dos princípios democráticos. O povo ocorreu à praça fronteira ao Palácio Presidencial, para manifestar sua repulsa aos desígnios de Castro Leon, e seu apoio a Larrazabal. O Presidente da Junta, falando à multidão da sacada do palácio, prometeu «conduzir o país a um regime constitucional»

o golpe em preparação. A rápida mobilização das forças populares e democráticas, em apoio à patriótica resistência de Larrazabal e da maioria dos membros da Junta Provisória, derrotou a reação venezuelana e os agentes do imperialismo norte-americano. O general Castro Leon demitiu-se do cargo de ministro da Guerra, e foi expulso do país, juntamente com sete outros chefes da intenção.

Restabelecida a normalidade, foram as eleições gerais marcadas definitivamente para 23 de novembro, ficando assegurada a participação de todos os partidos políticos, inclusive a Accion Democrática e o Partido Comunista.

Os povos da América Latina acompanham com simpatia e admiração as ações de seus irmãos venezuelanos, que, depois de derrubarem a ditadura Jimenez, e de manifestarem sua repulsa a Nixon, sem se deixarem intimidar com a ameaça de invasão do país pelos paraquedistas norte-americanos, acabam agora de consolidar as liberdades democráticas e de assegurar a volta do país à plena normalidade constitucional. Essas vitórias representam marcos importantes na luta dos povos da América Latina contra a opressão imperialista, pela independência e soberania nacional, e pela paz.

Ante a relutância de Castro Leon em apresentar seu pedido de demissão, os estudantes concentraram-se durante três dias na Universidade, e os sindicatos operários promoveram uma greve geral, que paralisou completamente a cidade de Caracas. Ao mesmo tempo Larrazabal deslocava-se para a esquadra, que se mantinha de fogos acesos ao largo da costa, em frente ao porto de Maiquetia. Os partidos democráticos, inclusive o Partido Comunista, alertavam todo o povo contra

Crônica Internacional

Urgente a Realização Da Reunião de Cúpula

APESAR das dificuldades que os Estados Unidos estão opondo, sob formas as mais diversas, à realização da Conferência de Chefes de Estado, proposta por Kruschiov, para eliminar os perigos de guerra oriundos da atual situação no Oriente Médio, há indícios de que esse encontro se efetivará, e em breve prazo. A iniciativa de Kruschiov encontrou apoio não só na opinião pública mundial como também na maioria dos governos, inclusive os dos países membros da OTAN.

Se os Estados Unidos tivessem insistido em suas simples negativa inicial, ter-se-iam isolado de seus próprios aliados, como a França, a Inglaterra e o Canadá. Esse fato levou Eisenhower a concordar, embora com evidente má vontade, com a Conferência, impondo no entanto a variante sugerida pela Inglaterra, de uma reunião no seio do Conselho de Segurança da ONU, em sua sede, Nova Iorque.

Kruschiov havia proposto uma reunião dos Chefes de Estado dos Estados Unidos, França, Inglaterra, URSS e Índia, com a participação do Secretário Geral da ONU, a realizar-se em Genebra ou qualquer outro local, e em data a mais breve possível. Em face da contra-proposta anglo-americana, Kruschiov aceitou a reunião no seio do Conselho de Segurança, desde que para a mesma fossem também convidados o primeiro-ministro da Índia e representantes dos países árabes interessados, pois nem a Índia nem a maioria destes últimos são membros, atualmente, daquele órgão de direção da ONU. Além disso Kruschiov anunciou que estava pronto para dirigir-se a Nova Iorque a qualquer momento, afim de participar da Conferência, e pediu a fixação de uma data, ponto este que Eisenhower havia deixado proposadamente vago, com o propósito evidente de protelar a reunião indefinidamente.

Como se vê, não partiram da URSS quaisquer dificuldades para a realização da Conferência. Kruschiov mostrou-se disposto à maior flexibilidade quer quanto à forma, ao local e à data. Encostou assim à parede os governos dos Estados Unidos e da Inglaterra, eliminando todos os pretextos sucessivamente levantados para furta-rem-se ao conclave.

Novos obstáculos começaram então a ser mencionados no noticiário das agências de notícias, como por exemplo as dificuldades em que se veria a polícia de Nova Iorque para garantir a segurança dos Chefes de Estado par-

ticipantes, e em particular para impedir que Kruschiov fosse vítima de um atentado provocado por elementos fascistas da Hungria e de outros países da Europa Oriental que encontraram asilo nos Estados Unidos.

A essa altura, De Gaulle declara que prefere a modalidade sugerida inicialmente por Kruschiov, isto é, uma Conferência com sede numa cidade europeia, e composta apenas dos quatro Chefes de Estado e do Secretário Geral da ONU. O ponto de vista de De Gaulle foi também apoiado pelo governo da Alemanha Ocidental. Uma reunião de cúpula, composta de um número limitado de pessoas, e realizada numa cidade europeia, permitiria atingir mais facilmente resultados positivos, alegam De Gaulle e Adenauer.

Kruschiov, em resposta a essas novas propostas, declarou que também continua preferindo uma reunião na Europa, como havia proposto antes, em Genebra, Paris, Viena, ou qualquer outra cidade, inclusive Moscou. Reafirmou no entanto que continua disposto a ir ao Conselho de Segurança, em Nova Iorque, se essa for a única solução aceitável pelos demais participantes. Não cria qualquer embaraço, e continua insistindo na fixação da data. Tudo depende agora portanto de um acordo dos ponteiros entre De Gaulle e os governos dos Estados Unidos e da Inglaterra. As últimas informações dizem que Eisenhower estaria pensando numa terceira modalidade, — uma reunião do Conselho de Segurança, não em Nova Iorque, mas numa cidade europeia. A data seria fixada em meados de agosto.

O governo dos Estados Unidos está aproveitando essas discussões infundáveis para rearticular provocações no Oriente Médio, principalmente na direção do Iraque. Foster Dulles reuniu em Londres os países asiáticos remanescentes do Pacto de Bagdad — Turquia, Iran e Paquistão, e prometeu firmar com cada um deles em separado um pacto de aliança militar bi-lateral. O Pacto de Bagdad continuaria assim sua missão de instrumento do imperialismo no Oriente Médio, sob nova forma, mas já sem sua peça principal — o Iraque. Seu novo objetivo imediato seria a preparação de uma intervenção neste último país.

A continuação das manobras protelatórias da Conferência de Cúpula seria portanto extremamente perigosa. Os interesses gerais da humanidade exigem que essa reunião se realize imediatamente.

«Estudos Sociais»

UMA REVISTA DEDICADA AO ESTUDO DA REALIDADE BRASILEIRA

O 1º número nas bancas de jornais e livrarias com o seguinte sumário:

Moacir Paz — «Sobre o Problema do Desenvolvimento Econômico»

Carlos Marighella — «Alguns Aspectos da Renda da Terra no Brasil»

Fragmon Carlos Borges — «Origens Históricas da Propriedade da Terra».

Miguel Costa Filho — «O Trabalho nas Minas Gerais»

Carrera Guerra — «Maiacovski nos Debates Públicos»

Su Ju — «Avaliação do Idealismo Clássico Chinês»

Hyman Lumer — «Notas Sobre a Recessão Norte-Americana»

Problemas em Debate — Crítica de Livros — Crítica de Revistas.

O SR. John Foster Dulles deverá descer, no dia 5 de agosto no aeródromo do Galeão, sob indistigável hostilidade da opinião pública brasileira. Os contingentes policiais, que cercarão o tristemente célebre Secretário de Estado, terão naturalmente um volume proporcional aos sentimentos hostis do povo brasileiro. As razões desses sentimentos são suficientemente conhecidas e nem mesmo os jornais mais entreguistas ousam apresentar o incendiário de guerra norte-americano sob uma luz simpática.

MAIS do que tudo, não podem deixar de preocupar aos brasileiros os motivos da vinda do responsável pelo Departamento de Estado ao nosso país, num momento em que a situação internacional encerra problemas bastante complicados, que não têm outra causa senão a própria política de Washington. Num momento destes, de tantas preocupações, que vem Dulles fazer no Brasil?

DIFÍCILMENTE alguém acreditará que o truculento emissário dos trustes acore ao apelo do sr. Juscelino Kubitschek no sentido da chamada «revisão» do pan-americano. Isto estaria fora dos princípios que Dulles mesmo já proclamou enfaticamente, quando afirmou que a política exterior dos Estados Unidos não visa fazer amigos, mas somente defender interesses. Não preocupa aos círculos dirigentes de Washington a amizade do Brasil, mas a defesa dos interesses do imperialismo norte-americano ameaçados na esfera do nosso país e, em geral, da América Latina.

A REVISTA norte-americana «Visão», em sua edição de 1º de agosto, se encarrega de informar, de modo direto, que «a discussão da conspiração comunista no con-

Foster Dulles — Ameaça à Petrobrás e à Democracia

tinente... é sem dúvida o item básico da agenda de Dulles». Coincide esta informação com o próprio teor da carta de Eisenhower a Kubitschek, na qual o ocupante da Casa Branca deixava claramente expresso que o seu conceito de panamericanismo é o da declaração intervencionista da Conferência de Caracas que precedeu a agressão armada, financiada pela «United Fruits», a um governo legal da Guatemala. Dulles vem, pois, para intervir nos assuntos internos do nosso país, para reclamar medidas de repressão não só contra os comunistas como contra todo o movimento nacionalista. Vem para reclamar igualmente, em troca de empréstimos dos bancos de Wall Street o apoio do governo brasileiro à política de intervenção militar no Oriente Próximo e Médio. Não é preciso insistir no quanto tal apoio viria a comprometer a segurança nacional e a vida do nosso povo.

OUTRO item básico da agenda de Dulles é o que se refere ao petróleo. O citado número de «Visão» é explícito no assunto, afirmando: «Se Juscelino Kubitschek não estiver preparado para discutir petróleo, a viagem de Dulles será parcialmente frustrada». O interesse tão agudo de Dulles no petróleo brasileiro é compreensível, quando se torna cada vez mais duvidoso o domínio dos trustes norte-americanos sobre as riquíssimas jazidas do Oriente Médio. Daí também a súbita pressa para a conclusão

dos acordos com o governo argentino, visando vultosos financiamentos da exploração petrolífera no país vizinho.

PREPARANDO o ambiente para as modificações de caráter entreguista na política do monopólio estatal do petróleo, que o Brasil vem seguindo com indiscutível êxito, a visita de Dulles foi precedida da propagação de uma assim chamada «Terceira Posição». Esta propaganda se acentuou com as notícias a respeito dos acordos do presidente Frondizi com firmas de vários países, principalmente dos Estados Unidos. Explorando propositadamente falta de clareza nessas notícias os jornais entreguistas procuram acender sentimentos de rivalidade com a Argentina e acenar para a entrega do nosso petróleo aos trustes norte-americanos, sob a forma mistificada de uma «Terceira Posição», como única saída existente para os problemas econômicos do país e para uma suposta «liderança» — que, de fato, carece de qualquer significação concreta — do Brasil na América Latina.

A VISITA de Dulles não pode deixar de trazer graves preocupações à todos os nacionalistas, qualquer que seja a sua orientação política, em virtude das sérias tendências de conciliação com o entreguismo, que existem em círculos muito influentes do Catete. Estas tendências estão implícitas na própria «Operação Pan-Americana», que faz da reivindicação de certa indepen-

dência em política exterior, por enquanto apenas em palavras, um simples capital de barganha para vender a melhor preço às concessões, que os círculos de Washington exigem do governo do sr. Juscelino Kubitschek.

AS circunstâncias que cercam a visita do sr. Foster Dulles fornecem, pois, motivo de sobra para uma elevada vigilância do movimento nacionalista, para uma ação unitária e enérgica de todos os seus setores, nos partidos políticos, nos Sindicatos e outras entidades, de massa, no próprio governo. A chantagem dos agentes entreguistas e dos conciliadores, que cercam o presidente da República, não deve ser admitida para abrir caminho a novas capitulações. Não há razões para tolerar recuos, quando se sucedem as derrotas do imperialismo norte-americano em uma região do mundo, após outra. As vésperas de um pleito eleitoral, que se prenuncia vitorioso para o nacionalismo, o governo do sr. Juscelino Kubitschek só pode se fortalecer seguindo firmemente por um caminho anti-entreguista. E isto significa repelir a interferência de Dulles na vida interna brasileira, salvaguardando cuidadosamente as liberdades constitucionais, recusar compromissos com a política belicista do Departamento de Estado em qualquer parte do mundo defender intransigentemente a política de monopólio estatal do petróleo consubstanciada na Petrobrás.

NOTA — Por motivo de truncamento, reproduzimos o primeiro período do nosso editorial da edição passada, que é o seguinte: «A crise no Oriente Médio veio acentuar a necessidade de nova formulação da política exterior do nosso país».

Comentário Político

OS RESULTADOS DO ALISTAMENTO ELEITORAL

Encerrou-se o alistamento a segundo prognósticos do Tribunal Superior Eleitoral. O eleitorado do país deverá constar de 11 milhões e 500 mil cidadãos. Resultados já conhecidos apontam 2.600.000 eleitores para o Estado de São Paulo, 1.200.000 para o Rio Grande do Sul e 940.000 para o Distrito Federal.

O eleitorado agora alistado é bastante menor do que o registrado em 1955, quando ia a 15 milhões. Mas é superior aos votantes daquele ano, que foram pouco mais de 9 milhões.

A redução do número de alistados se deve ao expurgo de certa quantidade de eleitores inexistentes (o conhecido «eleitorado fantasma») e aos rigores burocráticos do atual alistamento, que não animaram muitos cidadãos a enfrentar o tabuleiro de seu número de título.

O atual registro eleitoral continuou a ser feito de acordo com o antidemocrático preceito constitucional, que priva os cidadãos analfabetos, os soldados e os marinheiros do direito de voto. Essa é a razão principal do fato de que somente cerca de um quinto da população brasileira esteja, hoje em condições legais de comparecer às urnas.

É indiscutível, porém, que o eleitorado brasileiro representa massa considerável de muitos milhões, abrangendo a massa politicamente mais ativa do nosso povo. É indiscutível também que o número de votantes vem cres-

cendo, a quantidade de votantes foi 50% maior do que em 1945. Isso evidencia um processo de extensão dos direitos democráticos e dá uma idéia da importância crescente das eleições na vida política do país. Basta considerar que, em 1930, o número de eleitores era de 1 milhão e 500 mil, ou seja, aproximadamente, apenas 5% da população daquele época.

Com o término do alistamento, a campanha eleitoral entra em sua fase de maior intensidade. Em muitos Estados, a escolha dos candidatos já foi feita e em outros está sendo ultimada. Para as forças nacionalistas e democráticas as eleições se tornam agora o objetivo fundamental. Os rumos futuros do nosso país dependerão grandemente dos resultados das urnas em outubro próximo. É necessário lutar arduamente, sem poupar energias, para que esses resultados venham a configurar uma correlação de forças ainda mais favoráveis do que a atual para o nacionalismo e a democracia.



AJUDE
VOZ OPERARIA
FAZENDO UMA
assinatura!

VIDA ECONÔMICA O MOVIMENTO NACIONALISTA E O CAPITAL ESTRANGEIRO

A LUTA antiimperialista, no Brasil, tem-se concentrado, em cada momento, em torno de determinadas reivindicações, de caráter limitado, que resultam de necessidades materiais mais imediatas e, por isto, encerram grande força mobilizadora. Os movimentos suscitados por essas reivindicações, quando vitoriosos, conduzem a soluções positivas, que representam conquistas para o prosseguimento da luta antiimperialista em nível superior.

Entre as duas guerras mundiais, tivemos o movimento pela criação da grande siderúrgica nacional. A atitude enérgica do presidente Artur Bernardes havia impedido que os trustes estrangeiros se apossassem das nossas melhores jazidas de ferro e isto levou à compreensão de que era preciso explorá-las em bases nacionais. Não resta dúvida que o movimento pela criação da grande siderúrgica brasileira, do qual os comunistas participaram ativamente, influuiu no aparecimento posterior de Volta Redonda, que é hoje uma peça básica da indústria nacional.

Após a segunda guerra mundial, foi o movimento em defesa do petróleo aquele que, não resta dúvida, alcançou maior expressão. Em torno dele se formou ampla frente única, que, através de memorável campanha, na qual os comunistas tiveram destacada atuação, levou à vitória a tese do monopólio estatal do petróleo e tornou uma realidade a Petrobrás.

A batalha do petróleo ainda não está inteiramente ganha. É preciso prosseguir a luta contra os ataques incessantes dos trustes e dos seus agentes entreguistas. Estamos agora mesmo em presença de uma renovação intensificada desses ataques. A Petrobrás é um baluarte que precisa ser enérgicamente defendido pelos nacionalistas.

A luta antiimperialista atingiu, porém, um nível mais alto, em que novas reivindicações imediatas são concretamente formuladas por diversos setores da frente única nacionalista. Um exemplo é o que se refere ao setor da energia elétrica, com as lutas já adiantadas em diversos pontos do país, sobretudo em Belo Horizonte e Porto Alegre, levantando as exigências de encampação de instalações de filiais do truste norte-americano Bond an Share. Em diversas plataformas do movimento nacionalista, surge a reivindicação de completa nacionalização da produção de energia elétrica, uma vez que, possuindo importância básica para o conjunto da economia do país, se encontra sob o domínio de trustes estrangeiros.

Não resta dúvida que as questões da energia elétrica estão amadurecendo para o movimento nacionalista e deverão conduzir, na medida do poder da frente única nacionalista, a soluções positivas de imenso alcance.

Outras questões que estão rapidamente amadurecendo são as que se referem à legislação para os investimentos estrangeiros. Como vimos em nosso comentário da edição anterior, a legislação brasileira atual é uma das mais favoráveis que existem no mundo para o capital estrangeiro. A medida que se desenvolve a economia nacional mais se chocam, entretanto, com os seus interesses os privilégios do capital estrangeiro.

O reflexo desta inadmissível situação se manifestou nas propostas dos deputados Saturnino Braga e Lutero Vargas à Conferência da União Inter-Parlamentar, realizada no Rio de Janeiro. Os discursos daqueles deputados, num fórum internacional da categoria da União Inter-Parlamentar, honram sobremaneira ao nosso país.

O deputado Saturnino Braga defendeu, com fortes

argumentos, a necessidade de restringir os investimentos estrangeiros à forma do empréstimo, de preferência de governo para governo. Mostrou aquele representante brasileiro que, no caso dos investimentos diretos, isto é, das aplicações do capital privado, verifica-se um antagonismo inconciliável. Disse, a propósito: «Nesse campo, chocam-se frontalmente os interesses das partes interessadas: de um lado, os capitalistas, que através seus trustes internacionais visam exclusivamente aos maiores lucros possíveis, sem se incomodarem com o nível de vida dos povos proprietários das riquezas naturais que proporcionarão esses lucros; do outro lado, as populações pobres dos países em desenvolvimento, que não querem assistir indiferentes à evasão de recursos de sua pátria para remunerar investimentos, que deveriam ficar definitivamente fixados aos territórios cujas riquezas exploram.»

A tese do deputado Saturnino Braga, a respeito da prática dos empréstimos, sobretudo de governo a governo, como melhor forma de ajuda aos países subdesenvolvidos, e da limitação rigorosa dos investimentos diretos, é uma tese digna de apoio do movimento nacionalista. Neste sentido já haviam os comunistas se manifestado na Declaração política, que publicaram em princípios deste ano.

O deputado Lutero Vargas, após assinalar justamente que a principal contribuição ao nosso desenvolvimento tem derivado da poupança interna e de manifestar o seu apoio à criação do Fundo Especial para o desenvolvimento, no âmbito da ONU, deteve-se particularmente na questão dos bancos estrangeiros, que operam no Brasil com grandes massas de depósitos nacionais. Tais bancos, sem dar qualquer contribuição especial ao progresso do país, obtêm lucros e dividendos em montante desmesurado com relação ao capital inicialmente empastado. São lucros e dividendos que derivam quase só dos depósitos brasileiros e não do capital vindo de fora. «A moeda nacional — disse o orador — gerida dessa maneira, cria moeda estrangeira nos bancos e nas empresas onde é aplicada sob a forma de empréstimo.»

Concluindo que os bancos de depósito estrangeiros são nocivos a países como o nosso, o deputado Lutero Vargas propõe a sua nacionalização ou a drástica limitação das suas operações e da sua margem de lucros, tomando, como medidas preliminares, as seguintes:

1º — Limitação dos depósitos até o máximo do débito do capital.

2º — Limitação em 2% da diferença entre os juros pagos aos depositantes e as taxas de empréstimo.

O canto de sereia dos entreguistas, glosando as excelências do capital estrangeiro, não encontra hoje a anti-gressão da realidade. O antagonismo entre as necessidades do desenvolvimento da economia nacional e a exploração imperialista norte-americana se torna cada vez mais evidente. Daí as campanhas da frente única nacionalista, visando anular essa exploração num setor após outro, de modo a limitar cada vez mais o seu campo de operação. Significa isto recusar qualquer ajuda do exterior?

De modo algum. Mas esta ajuda não pode mais ser mero pretexto para a rapina. Deve ser ajuda efetiva. Para a compreensão do que deve ser esta ajuda têm contribuído decisivamente os créditos e financiamentos da União Soviética e de outros países socialistas aos países subdesenvolvidos da Ásia e da África. As nações subdesenvolvidas compreendem cada vez mais que o sistema socialista mundial é o seu melhor e mais forte aliado.

PELA PAZ E A VITÓRIA DO SOCIALISMO NA ALEMANHA

O QUINTO CONGRESSO do Partido — Wilma Ulbricht — concentra sua atenção na tarefa nacional de mostrar à classe operária e a todos que amam a paz na Alemanha os meios de salvaguardá-la. Para que possamos preservar a paz e defendê-la contra quaisquer atentados, a condição mais importante é o vigoramento de nosso poder operário e camponês e nosso firme avanço para a frente, para o socialismo.

No atual Congresso do Partido fazemos um balanço da política de nosso Partido desde o quarto Congresso. Nesta oportunidade não podemos deixar de manifestar nosso sentimento de orgulho pelo progresso que vimos alcançando na vida política, econômica e cultural de nossa República e que tem como ponto de partida o 30º Pleno do CC de nosso Partido. A franca troca de opiniões e o desenvolvimento da crítica e da autocrítica, à cuja base encontramos o elevado senso de responsabilidade pela edificação do socialismo e, sobretudo, os numerosos feitos em prol do socialismo realizados pelos operários, camponeses, representantes da intelectualidade, profissionais liberais e artesãos, adultos, jovens e estudantes, em homenagem ao quinto Congresso do Partido — tudo isso demonstra que nosso Partido se liga cada vez mais estreitamente às massas populares. Estes feitos são expressão de solidariedade para com o Partido Socialista Unificado da Alemanha, que unifica o povo e o faz avançar.

Estamos na fronteira do campo socialista, numa linha de frente em que se manifesta o peso da luta entre os dois sistemas mundiais na Europa Ocidental. O socialismo e o capitalismo se contrapõem um ao outro no território alemão. E' nosso dever demonstrar praticamente na Alemanha, na Pátria do socialismo científico, no país de Carlos Marx e Frederico Engels, a superioridade do regime social socialista em todos os domínios de atividade. Cumpriremos esse dever histórico se conseguirmos acelerar os ritmos de progresso e chegarmos a aumentar nos últimos anos do segundo plano quinquenal, isto é, em 1959 e 1960, a produção em alguns setores acima do nível previsto.

A EDIFICAÇÃO DO SOCIALISMO E A SUPERACÃO DAS CONTRADIÇÕES

Se fizermos um balanço de nossas atividades durante o tempo decorrido desde o quarto Congresso do Partido — disse o camarada Ulbricht — poderemos afirmar que a classe operária, o campesinato, a intelectualidade e outras camadas dos trabalhadores realizaram, sob a direção de nosso Partido, todas as tarefas básicas estabelecidas por aquela conclave. Até mesmo nossos mais ferrenhos inimigos não podem deixar de reconhecer o ininterrupto progresso que a República Democrática Alemã vem alcançando. Hoje, nossa situação é bem diferente da que existia por ocasião do quarto Congresso do Partido. A economia da República Democrática Alemã estabilizou-se e diante dela abrem-se novas e favoráveis perspectivas de desenvolvimento.

Durante os anos transcorridos a República Democrática Alemã alcançou apreciáveis êxitos econômicos. Durante o primeiro plano quinquenal, isto é, até 1955, pudemos duplicar a produção industrial em comparação com a época de pré-guerra.

A jornada de trabalho na indústria foi reduzida para 7,5 horas por dia, isto é, estabeleceu-se a semana de 45 horas. A Câmara do Povo aprovou e pôe em prática a lei que aumenta as pensões. A moeda fortaleceu-se. Acabou-se definitivamente com os restos do racionamento. Em consequência disso, as rendas dos trabalhadores aumentaram em 2 bilhões e 800 milhões de marcos por ano. Em virtude da revogação do racionamento, cumpre-se parcialmente a resolução do Comitê Central do Partido no sentido de reduzir-se, por meio do aumento dos salários dos trabalhadores que ganham menos, a diferença entre os níveis superior e inferior da remuneração. O peso específico da produção geral das empresas industriais socialistas elevou-se de 87,3 por cento em 1955 para 88,7 por cento em 1957.

Constatamos que as transformações nos setores político, econômico e ideológico da vida na República Democrática Alemã ocorrem nas condições complexas existentes na Alemanha. Somente depois que criamos no fundamental o setor popular da indústria é que passamos a resolver os demais problemas. Em 1946 elegemos deputados ao Parlamento, mas os deputados e a população transformaram progressivamente esses parlamentos em órgãos representativos realmente populares. Herdamos as velhas formas de administrar as grandes empresas, mas pouco a pouco introduzimos novas formas e métodos de administração que correspondem aos princípios socialistas de direção da economia.

Revisamos tudo o que o capitalismo nos deixou, admitimos e desenvolvemos o que nos pareceu conveniente, e tudo o que havia de inútil rejeitamos. Ainda hoje estamos estudando os métodos capitalistas de administração e de organização. Entretanto, não os adotamos mecanicamente, como tentaram

NOTA DA REDAÇÃO — Reproduzimos a seguir os principais trechos do informe apresentado no recente V Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha pelo Secretário do Partido, camarada Walter Ulbricht.

fazer certos de nossos gerentes". Reformamos tudo o que seja útil ao aperfeiçoamento da organização socialista de nossas empresas.

Os resultados demonstram que foi justa a política posta em prática pelo Comitê Central no período entre os Congressos do Partido. Retiramos o Partido e o aparelho governamental da posição defensiva em que haviam caído em 1956, após os acontecimentos na Hungria. Isso só foi possível porque o Comitê Central fez uma análise real da situação, no 30º pleno do CC fundamentou a perspectiva de nosso desenvolvimento e travou luta firme contra o revisionismo. O revisionismo contemporâneo, que assume a forma de socialismo nacional e de "comunismo nacional", expressa a influência da ideologia burguesa no movimento operário.

Na República Democrática Alemã o revisionismo manifestou-se no fato de que se tentou dissimular as contradições antagônicas e utilizar os complexos problemas do período de transição para espalhar-se a afirmação de que "se soltarmos o socialismo", ou se relegarmos o desenvolvimento socialista ao espontaneísmo, seriam superadas muitas dificuldades. O revisionismo é particularmente perigoso na República Democrática Alemã porque obstaculiza a superação das contradições que se apresentam no rumo do progresso socialista, aumenta as dificuldades existentes, abre caminho à restauração do capitalismo e à subversão da República Democrática Alemã.

O método do revisionismo contemporâneo consistia e consiste em considerar as contradições existentes e as dificuldades temporárias que delas decorrem, como erros do Partido e da administração estatal. Em virtude de nossa política objetivando aliviar a tensão, os revisionistas concluíram pela possibilidade de enfraquecer a vigilância. A direção do círculo Petoefi em Budapeste revelou de onde a política do revisionismo retira seus princípios, e o governo de Nagy demonstrou aonde ela conduz.

A lição de 1956 consiste em que, quando existe uma organização do tipo da NATO, o revisionismo no movimento operário dos países de democracia popular abre caminho à contra-revolução. Se a direção da Liga dos Comunistas da Iugoslávia considerou necessário, após a Declaração conjunta dos partidos comunistas e operários dos países socialistas, elaborar seu programa revisionista, todo operário tem o direito de indagar: Quem lucra com isso? Se a direção da Liga dos Comunistas da Iugoslávia quis generalizar teoricamente a experiência política, econômica e cultural, poderia ter encontrado outras formas, e não elaborar um contra-programa. Se, porém, apresenta um programa errado quanto aos princípios quanto à apreciação da situação internacional, do papel da União Soviética e de todo o campo socialista, deve-se considerar essa atitude como um ataque aberto contra o campo socialista. O Comitê Central de nosso Partido ouviu o informe sobre o Congresso da Liga dos Comunistas da Iugoslávia e rejeitou seu programa por considerá-lo revisionista e prejudicial ao movimento operário internacional e levando em conta a existência do programa — único justo — aprovado pela Conferência que se realizou em novembro de 1957 em Moscou. Julgamos, porém, que conseguiremos convencer disso os nossos companheiros iugoslavos e procuraremos desenvolver as relações nomais entre nossos países.

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIALISTAS NO DOMÍNIO DA IDEOLOGIA E DA CULTURA

No período de transição do capitalismo para o socialismo ocorre também uma profunda revolução socialista no domínio da ideologia e da cultura que exige a formação de uma consciência nova, socialista, e o desenvolvimento da cultura.

Os maiores êxitos foram alcançados na formação da consciência socialista da classe operária que, em sua qualidade de classe mais poderosa e progressista na República Democrática Alemã, exerce seu poder em aliança com os camponeses e outras camadas trabalhadoras.

A aliança entre a classe operária e o campesinato trabalhador acarretou transformações profundas na consciência dos camponeses. Hoje, mais de 260 mil camponeses — membros das cooperativas — encarnam as novas condições vigentes no campo. Pensam e agem com espírito socialista, rejeitaram as velhas concepções, herdadas e radicadas, de camponeses individuais, e passaram a novos métodos de trabalho, progressistas e cooperativistas.

WALTER
ULBRICHT

A premissa principal para uma profunda transformação na consciência de nossa intelectualidade é a cooperação existente em nosso país entre a classe operária e a intelectualidade. Pode-se afirmar que na República Democrática Alemã a maioria da intelectualidade é uma camada próxima à classe operária.

O novo reside no fato de que os problemas da consciência socialista se tornam objeto de discussão coletiva entre os operários e camponeses, membros das cooperativas e da intelectualidade. Todos os problemas fundamentais relativos à concepção do mundo e à apreensão da correlação de forças no mun-



do, de educação, ética e moral, as perspectivas para o progresso da ciência e da técnica, são debatidos e continuarão a ser discutidos publicamente. Essa discussão é ao mesmo tempo o melhor método para divulgar o materialismo dialético.

A fisionomia moral do novo homem, o homem socialista, que se desenvolve no decorrer dessa nobre luta pela vitória do socialismo, é definida pela observância das leis básicas da moral:

1. Deveis lutar sempre pela solidariedade internacional da classe operária e de todos os trabalhadores, assim como pela inquebrantável aliança entre todos os países

socialistas.
2. Deveis amar vossa Pátria e estar sempre dispostos a dedicar todas as vossas forças e toda vossa capacidade em defesa do Estado operário e camponês.

3. Deveis contribuir para acabar com a exploração do homem pelo homem.

4. Deveis praticar ações nobres em prol do socialismo porque o socialismo assegura uma vida melhor para todos os trabalhadores.

5. Durante a edificação do socialismo deveis agir no espírito da ajuda mútua e da cooperação fraternal, respeitar o coletivo e aceitar voluntariamente sua crítica.

6. Deveis defender e multiplicar o patrimônio do povo.

7. Deveis sempre esforçar-vos por aperfeiçoar vossa qualificação, ser econômico e fortalecer a disciplina socialista no trabalho.

8. Deveis educar vossos filhos no espírito da paz e do socialismo para que se formem sem unilateralidade, forjem um caráter firme e se tornem fisicamente saudáveis.

9. Deveis observar a pureza e a disciplina moral e respeitar vossa família.

10. Deveis solidarizar-vos com os povos que lutam por sua libertação nacional e que defendem sua independência nacional.

Essas leis de ética, esses mandamentos da nova moral, a moral socialista, constituem sólida parte integrante de nossa concepção do mundo.

Na pedagogia continuamos as tradições progressistas dos grandes mestres alemães, valemo-nos da experiência da pedagogia soviética e continuamos a desenvolver a pedagogia socialista de acordo com as condições em que se processa o desenvolvimento da República Democrática Alemã. O problema fundamental ligado ao desenvolvimento da formação escolar é a cultura técnica e a educação das crianças no espírito do amor ao trabalho e a quem trabalha.

Obedecemos, assim, aos seguintes princípios:

Em todas as disciplinas estabelece-se a unidade entre a teoria e a prática por meio da cultura politécnica e a prática na produção. Dessa maneira todos os educandos adquirem consciência socialista e se preparam para a vida prática na sociedade socialista. O trabalho deve tornar-se para eles uma necessidade vital.

O ensino tem por base a ciência de vanguarda e a prática na produção e está ligado à arte mais avançada. Os jovens se formam de maneira ampla e multilateral, o que lhes possibilita utilizar os conhecimentos recebidos para a edificação socialista.

A escola socialista educa nos alunos profundo amor pela classe operária, pelo Estado de operários e camponeses, pelo socialismo e pela amizade com a União Soviética e os países de democracia popular.

(CONCLUI NA PÁG. 11)

Enquanto Etelvino Faz Chantagem, Jarbas Maranhão é Vaiado em Recife

Insiste o sr. Etelvino Lins, em utilizar o desmoralizadíssimo «fantasma do comunismo», para tentar dividir a poderosa coligação de forças democráticas, formada em Pernambuco, da qual participam os comunistas. Pela segunda vez, o velho policial fala à imprensa, para «advertir os pernambucanos, contra o perigo do comunismo».

O povo pernambucano já conhece demasiadamente o sr. Etelvino Lins e os políticos que o seguem, para se deixar embair pelas suas arengas.

O espantallo do comunismo não assusta mais a ninguém. Justiça se faça, o sr. Etelvino é cabreiro. Ele sabe o que quer, ao fazer as suas desmoralizadas declarações. Mas, para desgraça sua e de seu grupo, as forças das oposições também sabem quais são os seus objetivos: aceitando com o fantasma do comunismo, procura o sr. Etelvino assustar as forças do comércio e da indústria que participam da coligação; concentrando o seu ataque no fato de que o sr. Cid Sampaio candidato das oposições, é usineiro e industrial, preten-

de afastar da coligação as forças populares, as massas trabalhadoras. Além disso, matreiro como ele só, o sr. Etelvino Lins, esforça-se para criar dissensões dentro das próprias forças conservadoras, insinuando que o sr. Cid Sampaio usurpou o lugar de candidato que por direito devia caber a outro e utiliza, indevidamente, dinheiro de outrem, sob a sua guarda. Enfim, insiste o sr. Etelvino Lins, em abrir uma brecha nas forças de oposição, capaz de o salvar e a seu grupo, da derrota no pleito de 3 de outubro.

Entretanto, nem o velho ceteiro da rua da Aurora, nem os srs. Cordeiro de Farias e Jarbas Maranhão, que seguem a sua política, acreditam na eficácia dos métodos etelvinistas, para dividir as forças democráticas e nacionalistas, em Pernambuco. Os fatos que vêm ocorrendo diariamente na política pernambucana, se encarregam de demonstrar que começou o fim do domínio do etelvinismo, que tantos males tem causado a Pernambuco e ao seu povo. Um eloquente exemplo disso foram as vaias sofridas pelo sr. Jar-

bas Maranhão, candidato à sr. Etelvino, ocorridas no Teo Santa Isabel, quando o sr. Jarbas procurava utilizar um certame artístico estudantil, para propaganda da sua mal-fadada candidatura. O público que lotava todas as dependências da velha casa de espetáculo, não o deixou falar. Outra vaia se deu em um comício no bairro do Pina. Neste, até areia lhe foi jogada, para o impedir que falasse. Enquanto isso, diretores do PSD no interior do Estado, se desligam da candidatura Jarbas, para apoiarem a candidatura vitoriosa de Cid Sampaio.

Assim, vão se desmoronando os castelos de cartas de Etelvino Lins, na medida em que os seus pontos de apoio no interior do Estado vão se passando para a coligação, e que o seu candidato vai recebendo o repúdio da população política, cuja consciência política é das mais elevadas no país.

Depois disso, fazer ameaças, como faz o sr. Etelvino na sua entrevista ao «Diário de Notícias» de 27, é pura chantagem.

O PARTIDO E O MOVIMENTO DA JUVENTUDE

N.R. — Reproduzimos, a seguir, um trecho da intervenção do camarada Melo no V Congresso do Partido Comunista Português, realizado em outubro do ano passado. Os subtítulos são de nossa redação

CAMARADAS!

Já lá vão 11 anos desde que o V Congresso negou ao nosso Partido traço de uma viragem em relação ao movimento da juventude ao dissolver a Federação da Juventude Comunista Portuguesa (FJCP), e ao preconizar a concentração de todos os esforços na criação e desenvolvimento das organizações legais da juventude, na criação de uma organização nacional legal da juventude progressista.

A viragem preconizada e as condições então existentes permitiram que após o 2º Congresso, o movimento da juventude tivesse sensíveis progressos. Surgiram novas organizações juvenis e outras alargaram a sua influência. O Movimento de Unidade Democrática Juvenil (MUDJ), que então iniciava os seus primeiros passos, foi uma dessas organizações.

Em 1947, Alvaro Cunhal afirmava com razão, no informe do Secretariado ao Comité Central, que o MUDJ constitui pelo que é e pelas perspectivas imediatas que se lhe oferecem, o mais importante movimento de massas juvenil jamais existente no país. O rápido desenvolvimento e influência do MUDJ, o seu carácter nacional e de massas, levaram-nos a concluir que o MUDJ tinha todas as condições para assegurar a unificação da atividade juvenil em todas as organizações legais de massas, conforme preconizara o 2º Congresso.

Desde a criação do MUDJ, em 1946, até às grandiosas jornadas de luta em volta da candidatura do General Norton de Matos, viveu-se um período de largo ascenso da luta democrática. Mas a partir de 1949 iniciou-se um período de refluxo e o Partido prosseguiu na mesma orientação sem ter em conta a intensa e constante repressão salazarista desencadeada contra o MUDJ, o posterior desaparecimento do MUD e a rotura da unidade entre as forças democráticas a partir de 1949. Tudo isto, aliado ao sectarismo em que o Partido mergulhou, particularmente a partir de 1949, refletiu-se profundamente em todo o movimento da juventude.

Afirmamos diversas vezes que a raiz das deficiências do movimento juvenil e o principal obstáculo ao seu desenvolvimento residia nas demasiadas preocupações políticas e no conteúdo sectário da atividade e da linguagem do MUDJ. Esqueçamo-nos, porém, que isso não era mais do que o prolongamento do sectarismo que se anichara no Partido, era o resultado da orientação que a Direção do Partido imprimiu aos nossos camaradas que militavam no movimento da juventude.

CAUSAS DO RETROCESSO NO MOVIMENTO JUVENIL

Embora o nosso Partido defendesse o carácter independente do movimento da juventude, a realidade é que muitas vezes agíamos de forma a colocar os jovens e as suas organizações sob tutela, impondo-lhes as nossas ideias e diretrizes e interferindo, na prática, com o carácter independente dessas organizações. Isso contribuiu para que os nossos jovens camaradas que militavam no seio do movimento da juventude se sentissem manietados, receassem ter iniciativas sem ouvir previamente o Partido.

Sofrendo a influência do nosso sectarismo, era natural que muitos jovens seguissem os nossos métodos e que em muitos casos quizessem mesmo ser mais papistas do que o papa. Até mesmo a chamada política da vassoura teve o seu natural prolongamento no MUDJ, expulsando das suas fileiras, muitas vezes sem razões justificáveis, dezenas dos seus aderentes.

A substimação que tem havido no Partido pelos problemas da juventude e o dogmatismo da nossa orientação levou-nos a sobestimar as reais possibilidades do MUDJ e a concluir que ele tinha todas as possibilidades para unir e mobilizar a juventude. Nós dizíamos que todos os jovens deviam lutar nas fileiras do MUDJ e dele receberem orientação para as suas atividades, isto é, canalizamos os nossos esforços a respeito do movimento da juventude num único sentido. E ao identificarmos o MUDJ com o movimento geral da juventude, não tivemos em conta que o MUDJ não possuía qualquer trabalho organizado em muitas regiões e, por isso, muitos jovens não eram atraídos à luta e ficavam perdidos. Esta orientação, particularmente nos últimos tempos, constituiu um travão ao aproveitamento de todas as organizações juvenis e ao desenvolvimento de todas as possibilidades legais do movimento juvenil.

No Partido continuou, pois, a prevalecer a tradição negativa de atribuir exclusivamente aos jovens a tarefa de unir e mobilizar a juventude, de os responsabilizar por aquilo que a todos nós compete realizar. Esta substimação pelos problemas da juventude levou-nos a esquecer que é ao nosso Partido que cabe a tarefa de mobilizar as suas forças para auxiliar os jovens a lutar pelas suas reivindicações e anseios. Porém, o que sucedeu muitas vezes, foi o Partido procurar suprimir as suas dificuldades e deficiências à custa do movimento da juventude, contribuindo por essa forma para o MUDJ desviar grande parte da sua atividade de luta pelos interesses imediatos e específicos da juventude, para lutas a que se devia manter estranho, ou pelo menos mais afastado.

Por esta forma, o MUDJ foi progressivamente arrastado para posições esquerdistas e sectárias e lançado, ele também, nas recriminações mútuas em que as forças democráticas caíram. Tudo isto contribuiu para facilitar ao salazarismo desencadear uma intensa repressão contra os jovens e apresentar o MUDJ como um movimento identificado com os comunistas.

O retrocesso que se começou a verificar no movimento da juventude a partir de 1949 está, pois, intimamente relacionado com o sectarismo e o esquerdismo em que o MUDJ

MELO

cam progressivamente. Por estas razões, muitos jovens de diferentes convicções políticas e crenças religiosas que militavam no MUDJ, muitos deles em Comissões dirigentes, abandonaram as suas fileiras, reduzindo assim, progressivamente, o carácter de ampla unidade que caracterizou o MUDJ nos primeiros anos da sua existência. Particularmente nos últimos anos, o divórcio entre o MUDJ e as grandes massas da juventude acentuou-se, restringindo-se por isso a sua organização e o seu carácter legal e de massas, levando os jovens a não confiar já nas possibilidades legais do MUDJ.

Os sensíveis progressos do movimento da juventude a partir de 1946 foram o resultado do ascenso da luta democrática, dos esforços e da justeza da orientação imprimida pelo nosso Partido. Mas também é indispensável reconhecer e termos a consciência de que o posterior retrocesso verificado no movimento da juventude está relacionado com a divição dos organismos preconizados pelo 2º Congresso, isto é, Mas as nossas deficiências e erros, o dogmatismo da orientação do Partido manifestou-se também na aplicação das diretrizes do 2º Congresso, quanto à determinação de formas orgânicas para o movimento juvenil, tarefa de que o Comité Central ficara encarregado, mas que não cumpriu inteiramente. Daí resultou que não só limitasse o recrutamento de jovens para o Partido, como também restringimos a criação dos organismos preconizados pelo II Congresso, isto é, de "organismos ilegais que assegurem uma direção comum, uma orientação justa a todos os movimentos e organizações legais da juventude", constituídos por "camaradas do nosso Partido, responsáveis perante o Partido pela condução da atividade juvenil" (Duarte, informe de Organização).

Em consequência disso, impedimos que muitas centenas de jovens tivessem acesso ao Partido e que os jovens comunistas que militavam no movimento da juventude, em particular no MUDJ, tivessem o indispensável auxílio político. Isso contribuiu para que muitos deles, embora devotados à luta, tivessem manifesta falta de espírito de Partido. Estas deficiências também contribuíram para que mais se acentuasse a tradicional subestimação do Partido a respeito do movimento da juventude.

Em consequência disso, impedimos que muitas centenas de jovens tivessem acesso ao Partido e que os jovens comunistas que militavam no movimento da juventude, em particular no MUDJ, tivessem o indispensável auxílio político. Isso contribuiu para que muitos deles, embora devotados à luta, tivessem manifesta falta de espírito de Partido. Estas deficiências também contribuíram para que mais se acentuasse a tradicional subestimação do Partido a respeito do movimento da juventude.

Mesmo na Direção do Partido, os problemas relativos à juventude tem sido subestimados e analisados mais em função do MUDJ do que em relação com o movimento geral da juventude.

Por todos estes fatos, o Partido, no seu conjunto, foi-se desligando da atividade juvenil e muitas organizações do Partido, pela falta de recrutamento de jovens, pela ausência de apoio e entusiasmo juvenil, por não terem ao seu lado organizações juvenis de massas, tornaram-se organizações sem reservas e foram envelhecendo progressivamente.

AS ORGANIZAÇÕES JUVENIS DEVEM SER LEGAIS

Perante estas deficiências alguns camaradas preconizam hoje a reorganização da FJCP e defendem a ideia que a federação não devia ter sido dissolvida. Nas condições do passado como nas do presente, a FJCP foi e seria forçada a viver uma rigorosa clandestinidade que a impediu e a impediria de desenvolver uma larga atividade de massas entre a juventude. Reorganizar a FJCP seria criar um pesado aparelho clandestino, que absorveria grande parte das energias dos jovens mais dedicados e esclarecidos, seria distraída da sua preocupação fundamental: criar e desenvolver organizações juvenis legais de massas. A tarefa que se coloca ao nosso Partido não é organizar e mobilizar apenas uma pequena elite de jovens comunistas, mas sim as grandes massas da juventude portuguesa, os jovens de diferentes camadas sociais e tendências políticas e religiosas, os jovens operários e camponeses, os estudantes e empregados, os rapazes e moças.

Consideramos ainda hoje válidas as ideias expressas pelo camarada Duarte no informe do Comité Central ao 2º Congresso do nosso Partido ao afirmar que "Num país fascista como o nosso, onde temos sido forçados à mais estrita ilegalidade, uma organização juvenil de massas não é possível constituir-se ilegalmente. Esta é uma verdade que nos é afirmada por toda a nossa experiência de trabalho. Não há boas vontades, heroísmos e sacrifícios, não há militantes por mais dedicados, ativos e capazes, que consigam edificar uma organização juvenil de massas ilegal. As massas da juventude não vêm a uma organização ilegal. Sendo assim, quaisquer organizações juvenis de massas terão que ser legais. E em organizações e movimentos legais da juventude, que educaemos os jovens trabalhadores e a juventude em geral no espírito do marxismo-leninismo, e não em organismos estreitos e sectários, separados da vida corrente da juventude, dos seus problemas diários das suas dificuldades e angústias".

ABRIR O PARTIDO PARA A JUVENTUDE

Entretanto a nossa discordância em reorganizar nas presentes condições, a FJCP, não significa persistir na errada orientação de por limitações aos jovens que queiram e tenham condições para vir ao Partido. Persistir nesta orientação seria tentar impedir que as ideias triunfantes do Socialismo encontrem uma crescente atração entre a juventude, seria privar o Partido de forças e de reservas que só a juventude poderá oferecer, seria condenar o Partido ao envelhecimento.

Grande número de jovens estão procurando ingressar no Partido. Só nós devemos animar quando a juventude procura o Partido, pois as nossas organizações só poderão renovar-se, rejuvenescer-se e desenvolver-se desde que exista uma constante adesão de jovens às suas fileiras.

Foi Lênin que disse: "Não é normal que entre nós, no Partido da Revolução, predomine a juventude? Nós somos o Partido do futuro e o futuro pertence à juventude. Somos o Partido dos inovadores e a juventude segue sempre com ardor os inovadores. Somos o Partido da Luta plena de ab-

negação contra a velha podridão e a juventude marcha cabeça dos lutadores plenos de abnegação".

Ao iniciarmos a retificação, embora parcial, da esquemática orientação que impedia o ingresso no Partido de todos os jovens em condições, foram evidentes os progressos nas ações desenvolvidas por certos setores juvenis e o rejuvenescimento, alargamento e consolidação de muitas organizações do Partido. As portas do Partido devem, pois, ser abertas a todos os jovens que possuam as condições estabelecidas pelos estatutos para ingressar nas fileiras do Partido. Todos os jovens que vierem ao Partido devem ficar integrados nas diversas células do Partido, onde quer que elas existam e seja possível constituí-las sob o controle das respectivas organizações de empresa, locais, de zona e regionais. Uns ficarão integrados no trabalho organizativo do Partido, ao lado dos seus companheiros adultos. Outros, ficarão a atuar no seio do movimento da juventude, no seio das organizações juvenis.

O recrutamento de jovens para o Partido não significa distrair do seio das organizações juvenis todos os jovens que vierem ao Partido. Uma grande parte desses jovens devem ser orientado para a luta legal, para o fortalecimento e desenvolvimento do movimento da juventude, que é uma das nossas mais urgentes tarefas. Isto significa que devem ser constituídas células e os organismos preconizados pelo 2º Congresso, constituídos exclusivamente por jovens, de forma a enquadrar e a prestar uma eficiente assistência política a todos os jovens que são ou poderão vir a ser membros do Partido e que militem no movimento e nas organizações da juventude.

O essencial, é que não exista uma única célula de empresa ou organização do Partido que não tenha ao seu lado Comissões e organizações juvenis viradas para uma atividade legal de massas entre a juventude. O que importa ter sempre bem presente é que a preocupação fundamental de todo o bem presente é que a preocupação fundamental de todas as células e organismos do Partido, compostas exclusivamente por jovens, é desenvolverem por todos os meios ações em defesa dos interesses imediatos da juventude, criarem comissões de jovens, atuarem no seio das organizações juvenis existentes, criarem um largo movimento legal e de massas da juventude progressista portuguesa.

Se isto não estiver bem presente, existe a possibilidade de se reavivarem antigas tendências sectárias e os nossos camaradas jovens anicharem-se em células e organismos do Partido de costas viradas para as ações legais de massas entre a juventude.

O nosso Partido tem afirmado que é na luta legal de massas que os jovens se formarão no espírito do marxismo-leninismo. Isto é justo embora incompleto, pois a formação dos jovens só será sólida se aliarem à luta legal de massas, o estudo da ciência marxista-leninista. Os jovens só poderão encontrar uma resposta para os seus problemas e uma solução acertada para as suas lutas desde que se apoiem no marxismo-leninismo. Só ele e a luta nas fileiras do nosso Partido poderá assegurar a todos os nossos camaradas um sólido espírito de Partido. A campanha ideológica que a reação mundial e o salazarismo está procurando desenvolver e visando especialmente a juventude, exigem que o Partido faça sérios esforços para auxiliar por todos os meios os nossos camaradas jovens a apetrecharem-se politicamente e ideologicamente, a compreenderem a necessidade de estudarem a ciência marxista e os materiais publicados pelo nosso Partido.

Ao dirigir-se aos jovens, Lênin dizia: "Não se pode ser comunista sem ter enriquecido a memória com todos os tesouros da ciência acumulada pela humanidade... O comunista será um fanfarrão sem consciência se não possuir uma soma suficiente de conhecimentos bem digeridos". E Lênin acrescentava: "Para aprender, a jovem geração deve constantemente ligar sua instrução, sua educação e sua formação à luta incessante dos proletários e trabalhadores".





Parte da delegação Soviética a Conferência Interparlamentar

A 47ª Conferência Interparlamentar instalou-se, no Rio de Janeiro em momento agudo da crise do Oriente Médio. Sabe-se que a União Interparlamentar não tem poderes deliberativos, nem os delegados das diversas casas parlamentares reunidos em suas conferências podem assumir compromissos no sentido de que sejam transformadas em leis proposições acas debatidas das reuniões internacionais. Não obstante isso, as conferências promovidas pela União Interparlamentar não deixam de ter importância política e a simples circunstância de que nessas reuniões se avistam membros de casas legislativas de quase todo o mundo, sem discriminações de ordem política, por si só, já justificaria a existência da instituição cuja sede permanente é em Genebra.

A 47ª CONFERÊNCIA

No caso concreto da 47ª Conferência, que importância teria tido a reunião em face de uma questão tão grave como a crise do Oriente Médio?

Tudo parece indicar que a 47ª Conferência Interparlamentar deu oportunidade a que se criassem feições psicológicas positivas, com vistas a uma solução rápida ou pelo menos ao desbordamento da crise do Oriente Médio.

Não será exagerado, portanto, afirmarmos que a Conferência, promovendo um encontro de parlamentares de quase todo o mundo no Palácio Tiradentes, prestou um serviço à causa da paz. E convém a propósito observar que o sr. André de Blonay, secretário-geral da União Interparlamentar, concedendo entrevista coletiva aos jornais brasileiros dias antes da instalação da Conferência, afirmou, de forma bastante categórica, ser a defesa da paz objetivo fundamental da União.

Para centenas de pessoas de alto nível, que estiveram presentes às reuniões da 47ª Conferência, esse encontro de parlamentares de todos os continentes ofereceu ainda um outro resultado prático. Serviu para que se tivesse uma impressão direta a respeito das atitudes de figuras representativas de parlamentos de quase todo o mundo, a respeito de questões gerais de relevo, abordados no relatório do secretário-geral, sr. Blonay, sobre a situação mundial, sobre o problema dos investimentos de capitais estrangeiros nos países subdesenvolvidos, sobre o fortalecimento da paz, sobre a redução dos armamentos, sobre os intercâmbios intelectuais entre as nações e a liberdade de informações e finalmente sobre o desenvolvimento dos territórios não autônomos.

PROPOSTAS SOVIÉTICAS.

Na primeira reunião do Conselho, anterior à instalação dos trabalhos da Conferência, a delegação soviética propôs que um dos pontos da ordem do dia fosse substituído pelo debate da crise do Oriente Médio. Essa proposta não foi aceita pela maioria dos membros do Conselho. Concordeu-se então o em que a questão do Oriente Médio fosse especificadamente ventilada, por ocasião da discussão do relatório do secretário-geral, que

tratava da situação internacional. Entretanto, o simples debate a respeito da aceitação da proposta soviética motivou duas intervenções do chefe da delegação da URSS, sr. Volkov. Nessas intervenções teve ele a oportunidade de denunciar o perigo que apresenta para a paz do mundo a crise provocada no Oriente Médio pela agressão americana e inglesa.

Os movimentos do ato agressivo das duas maiores potências imperialistas foram expostos de viva voz pelo chefe da delegação soviética. E no Brasil, pela primeira vez, tivemos a oportunidade de assistir à atuação de representantes da URSS, no debate de uma questão como a crise do Oriente Médio.

O OUTRO LADO

No trato da questão do Oriente Médio como se manifestaram os parlamentares comprometidos com a política das potências imperialistas?

Tornou-se claro, aos olhos dos observadores brasileiros e de todos os delegados, observadores ou correspondentes estrangeiros, que os oradores comprometidos com a política belicista, à falta de argumentos, não puderam recorrer senão a conhecidos esgãos da propaganda anticomunista, às deformações

da verdade e a outros expedientes divisionistas. Para noticiar o que se passava na Conferência estava mobilizado vasto aparelho de difusão: imprensa, rádio, televisão e cinema. Essa divulgação verificou-se de forma digna dos diverstonistas.

Não obstante isso, a atuação dos delegados da URSS e dos demais países socialistas na 47ª Conferência Interparlamentar deu motivo a que o aparelho da propaganda reacionária se pusesse em ação, dando relevo desmesurado a um ou outro pronunciamento direitista, de delegados como o sr. Gubin ou da República Federal Alemã. Conhecidos recursos da propaganda hostil aos países socialistas foram utilizados. Contudo, pôde-se constatar para a causa da paz um saldo favorável.

INTERCÂMBIO

Muitas pessoas que tiveram acesso ao Palácio Tiradentes manifestaram sua simpatia aos delegados da URSS e demais países socialistas. Pequenos distintivos trazidos pelos delegados soviéticos, reproduzindo as torções do Kremlin ou o Sputnik, emblemas do Movimento da Paz com a Pomba de Picasso, emblemas do Festival da Juventude, foram em dois ou três dias arrebatados avidamente por jornalistas, funcionários e outras pessoas. Distribuídos os emblemas, começou a caça aos crochês divisionistas, numa troca febril de centavos de rublos, intercâmbio financeiro que elevou a proporção de rublos, refletida em dívida nacional, pois os brasileiros davam dinheiro inflacionado e recebiam moeda forte.

OS BRASILEIROS

Deve ser considerada boa, dos brasileiros. Dentre os nossos delegados destacaram-se através de proposições, o sr. Saturnino Braga, denunciando a sede de lucros excessivos dos trusts internacionais que investiram capitais em países do tipo do nosso; o sr. Luthero Vargas, denunciando que os bancos estrangeiros operam tremenda sangria na economia nacional e o sr. Sérgio Magalhães, através da apresentação de emendas sobre inversões de capitais estrangeiros. Os discursos do presidente Juscelino Kubitschek e do chanceler Negrão de Lima constituíram pronunciamentos favoráveis à causa da paz e do entendimento em pé de igualdade entre as nações.

Que impressão teriam tido pessoas vindas dos recantos mais diversos do globo de nossa gente e de nossas coisas? De um modo geral, a impressão parece que foi boa,

47ª conferência INTERPARLAMENTAR

FORUM INTERNACIONAL PARA A LUTA PELA PAZ E CONTRA O COLONIALISMO

Verdadeira Manifestação de repulsa ao tipo de relações internacionais baseado no colonialismo — Colocados em defensiva os representantes dos governos belicistas — A atuação dos delegados brasileiros — Em meio a mensagens de paz trazidas de vários quadrantes, mesquinhas manifestações de ódio e de azedume por parte de oradores dos Estados Unidos, da Inglaterra e de pequenos governos feudatários de Wall Street

Reportagem de Paulo MITTA LIMA

Os comentários favoráveis não se limitavam ao clássico elogio à beleza natural do Rio. Também houve referências favoráveis à cooperação do pessoal brasileiro nos serviços da Conferência, cuja organização foi supervisionada e também executada por funcionários da União Interparlamentar. Os delegados manifestavam admiração ante o grande número de pessoas que falavam correntemente as línguas oficiais do conclave. Nos diversos contactos com brasileiros, dentro e fora do Palácio Tiradentes de um modo geral depauperaram os estrangeiros com pessoas afeitas. Nossa hospitalidade foi apreciada como extraordinariamente calorosa.

Só a disciplina dos delegados brasileiros em plenário deixou a desejar. Os jornais registraram que por mais de uma vez houve advertências da Mesa a pessoas que promoviam burulho, que formavam grupos, de pé, com os nomes do serviço de traduções abandonados, indiferentes ao que diziam os oradores. Essas pessoas eram, em sua maioria, os delegados brasileiros, que, salvo exceções, não apenas procediam assim, como se mostravam indiferentes às advertências.

O DIRETOR DO «ZVESTIA» Teve o sr. Gubin, dire-

tor do «Zvestia», oportunidade de reunir jornalistas brasileiros credenciados na Conferência, para uma entrevista. Embora tratando-se de um encontro em que se precisava recorrer a tradução e re- tradução, embora algumas respostas do diretor do jornal soviético não tivessem sido fielmente reproduzidas em alguns jornais brasileiros, nem por isso deixou de ser proveitoso o encontro entre oficiais do mesmo ofício, da URSS e do Brasil.

Certas questões levantadas na entrevista giravam em torno de problemas que em muitos círculos do nosso jornalismo profissional já não suscitam dúvidas. Por exemplo: há no meio jornalístico nacional pessoas que não compreendem o problema da liberdade de imprensa nos países socialistas, mas absolutamente não há, nem poderia haver, um só militante da profissão que ainda alimente a ilusão de que nos jornais da chamada imprensa sadia exista



Deputado Luthero Vargas, que defendeu uma tese nacionalista sobre o capital estrangeiro

liberdade de imprensa. Todos sabem que um DIP atua entre as salas dos chefes de publicidade, dos gerentes e dos diretores de jornais que vivem de grandes contratos de publicidades. Contêm esses contratos itens muito claros, representando inter- rência política. Em mu-

tos casos esses anunciantes são, nada mais nada menos do que empresas do tipo da Standard Oil, da Shell, da Light ou da Bond and Share, todas interessadas em impedir a marcha do movimento nacionalista brasileiro e em manter, por todos os meios, legais ou ilegais, de suborno ou subversivos, sua tremenda exploração de recursos que poderiam ser usufruídos totalmente pela nação brasileira.

Os jornais brasileiros, que conhecem, principalmente nos grandes jornais, essa questão da influência dos clientes de publicidade, levaram muito em conta, na entrevista coletiva do diretor do «Zvestia», o exemplo apresentado pelo sr. Gubin. Recordou o sr. Gubin a informação que lhe deu, com bastante franqueza, um diretor do «New York Times». Segundo essa informação, em cada 4 dólares da receita do «New York Times», 3 dólares são provenientes de publicidade. E o sr. Gubin fez a observação: — Há um velho provérbio russo que diz: «Quem

dó o dinheiro manda tocar a música». Mas o sr. Gubin não se limitou a aludir a esse aspecto negativo que desmancha por completo, quando levado à prática, o

formalismo da liberdade de imprensa, nos países capitalistas, a cujo respeito alguns propagandistas tanto gostam de falar. O diretor do «Zvestia» se referiu ao fato de que os jornais soviéticos não se baseiam, quanto ao problema da liberdade de imprensa, apenas em textos de lei. Com efeito, a Constituição soviética, além de proclamar o princípio da liberdade de imprensa, determinou que fossem dados meios da difusão, isto é, rotativas, linotipos, pa- péi, etc., à diversas organizações de cunho popular que dispõem de sua pró-

pria imprensa e que não sofrem censura de nenhuma espécie. Aos que na entrevista tivessem dúvidas a tal respeito, o sr. Gubin convidou para que verificassem com os próprios olhos o que estava dizendo, através de uma viagem à União Soviética. OS INVESTIMENTOS Outro ponto alto da Conferência foi o debate, no qual tomaram parte delegados de mais de quarenta países, em torno dos investimentos estrangeiros em países subdesenvolvidos.

Dêse debate pode-se tirar a conclusão de que, hoje em dia, já não é aceita passivamente, mesmo em países ainda oprimidos pelas potências imperialistas, a tutela política, apre- sentada em forma de reflexo da influência econômica dos financiamentos estrangeiros. Países de vários tipos se insurgiram contra o sistema de imposições políticas, estabelecido através dos investimen-

VITÓRIA DA UNIDADE DEMOCRÁTICA NA UBES

De 29 a 31 de junho russo, realizou-se no Rio o XI Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (U. B. E. S.). Cerca de 300 delegados de todos os Estados e Territórios compareceram ao Congresso e participaram dos importantes debates dos problemas propostos na agenda.

Os secundaristas discutiram tanto questões de interesse específico como de ordem geral. Entre os principais pontos da ordem do dia constavam: a reforma do ensino, campanha de assistência aos estudantes (C. A. D. E. S.), bolsas de estudos, livros didáticos e problemas econômicos e políticos do país, relacionados com o movimento nacionalista.

O Congresso contou com a presença do Ministro da Educação e Cultura, sr. Clóvis Salgado, que discutiu com os estudantes os assuntos mais diretamente ligados ao ensino, sobretudo em função da nova etapa de desenvolvimento do país. O Ministro destacou o papel da U. B. E. S. como auxiliar direta do Ministério, em contacto mais estreito com as organizações estudantis e muitas vezes atingindo



Deputado Saturnino Graga ao apresentar uma tese nacionalista sobre os financiamentos para os países subdesenvolvidos

tos estrangeiros. Houve reclamações não apenas contra isso, como também contra a política de extração de lucros excessivos e o sistema da «parte do leão» nas relações entre países, não só no campo das inversões, como também no da troca de mercadorias. Acuidados de um lado e do outro, os representantes das potências imperialistas, em suas intervenções, apresentaram-se em defensiva, tentando mascarar a brutalidade dos fatos por meio de palavras enganosas, ou fugindo visivelmente do debate da questão dos investimentos estrangeiros.

CURIOSIDADES

Num dos corredores do Palácio Tiradentes estão expostas à venda curiosidades brasileiras, jóias de fantasia, (quadros de asas de borboleta, livros etc.)

Entre os livros há trabalhos informativos sobre o país, contendo textos e fotografias. Há também literatura ligeira cosmopolita, em edições baratas, de mistura com pequenas obras sobre História da Inglaterra, compendios de História Sagrada, folhetos sobre Joana d'Arc e publicações comumente expostas em estações ferroviárias e aeroportos. Em meio a esse material descobrimos um pequeno livro que ensina, em francês, a fazer amigos.

Os americanos e ingleses, ao que parece, não passaram a vista nesse precioso manual. Ao contrário: fazendo repetidos discursos cheios de ódio e de desespero, saíram da Conferência, decerto, ainda mais incompatibilizados com os representantes de mais de quarenta nações, de todos os continentes

Um ponto especial das resoluções aprovadas pela U. B. E. S. se refere à próxima visita do Secretário de Es-

tuado norteamericano, sr. Foster Dulles, ao Brasil. Os secundaristas, através de seu congresso, consideram o sr. Foster Dulles PERSONA NON GRATA, sendo portanto indesejável sua visita ao nosso país. Neste sentido se pronunciaram, reafirmando no entanto que nada os move contra o povo norteamericano, que não pode ser identificado com aquele agente do imperialismo.

O Congresso da U. B. E. S. elegeu o novo presidente da poderosa organização dos secundaristas, sr. Celso Saleh, de tendências nacionalistas. A nova chapa eleita conta com representação de 8 Estados, sendo sufragada por 80 delegados a favor, havendo 10 votos em branco.

PROBLEMAS de NOSSA POLITICA

Possibilidades de Desenvolvimento Pacífico da Revolução Brasileira

A nova política, pela qual nos orientamos, leva em conta a possibilidade real que hoje existe em nosso país, de conduzir por meios pacíficos, a revolução antiimperialista e anti-fascista. Vários fatores internos, como a crescente democratização da vida política do país, o ascenso do movimento operário e o desenvolvimento da frente única democrática e nacionalista demonstram a viabilidade desse caminho.

As modificações que vêm se verificando na infraestrutura da sociedade brasileira, com o desenvolvimento, embora em ritmo ainda insuficiente, do capitalismo, deram margem a que no seio dessa sociedade se desenvolvessem forças novas, progressistas. Essas forças, principalmente o proletariado e a burguesia, vêm impondo um novo curso ao desenvolvimento político do país, num sentido democrático, estendendo os direitos políticos a camadas cada vez mais amplas da população e conduzindo ao declínio da influência conservadora dos latifundiários.

Tomando maior impulso com os acontecimentos de 1930, o processo de democratização do regime político do país sofreu uma longa interrupção durante o período do Estado Novo. Ressurgiu com mais vigor em 1945. Sofreu novas interrupções sob o governo de Dutra e mais tarde, com o golpe de agosto de 1954. Mas superou todos esses retrocessos, firmou-se como uma tendência permanente e desenvolveu-se cada vez mais.

A Constituição de 1946, apesar dos traços reacionários que encerra, tem possibilidade a que as forças populares e progressistas apoiadas nas conquistas democráticas nela registradas, lutem, pelas suas reivindicações e pelos interesses gerais da nação. A crescente participação das massas na vida política do país, tornou a Constituição um instrumento muito mais útil às forças democráticas e populares do que às forças reacionárias. Por isso, no decorrer dos acontecimentos mais graves para a vida do país, como em agosto de 54 e em novembro de 55, foram os nacionalistas e democratas que defenderam a Carta Magna, enquanto os agentes do imperialismo contra ela atentavam.

Dentro do processo de crescente participação das massas populares na vida política do país, destaca-se o ascenso do movimento operário. O reconhecimento, após 1930, do direito dos trabalhadores se organizarem sindicalmente, se por um lado, com a submissão dos sindicatos à burocracia do Ministério do Trabalho, entravou em certa medida as lutas das massas operárias, por outro

lado foi uma grande conquista. O movimento operário deixou oficialmente de ser «um caso de polícia» e a classe operária passou a ser reconhecida com uma força a ser considerada na vida política da nação. Organizando-se sindicalmente, o proletariado vem aumentando a sua força e elevando a sua consciência. A luta pelas suas reivindicações imediatas une a luta em defesa da soberania nacional, da democracia e pelo progresso do país e já se pronuncia como força política independente para influir nos destinos da nação, como foi demonstrado recentemente pela atitude de dirigentes sindicais do Distrito Federal, São Paulo, Estado do Rio, etc., em relação à reforma do ministério.

Com o desenvolvimento da indústria nacional, crescimento do proletariado e elevação da sua consciência de classe, e o fortalecimento da burguesia nacional, desenvolve-se o sentimento nacional e aprofundam-se as contradições entre a sociedade brasileira e o imperialismo norte-americano. Desenvolve-se assim, a frente única democrática e nacionalista.

A defesa, com êxito, até agora, do nosso petróleo contra os assaltos da Standard Oil, a derrota dos candidatos que representavam os interesses do imperialismo norte-americano, nas eleições de 1950 e particularmente em 1955 com a eleição de J.K., e ainda a derrota da tentativa golpista de 11 de novembro de 1955, são fatos que atestam o crescente desenvolvimento e fortalecimento da frente única nacionalista e democrática, a qual abrange importantes setores das forças armadas e todo um setor de grande influência, que integra o atual governo.

O governo, no Brasil, há muito já não representa mais o poder exclusivo dos latifundiários e agentes do imperialismo. A burguesia, classe revolucionária nesta etapa do desenvolvimento histórico do país, vem aumentando gradativamente a sua participação nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Ao mesmo tempo, para poder manter e ampliar essas posições, a burguesia busca cada vez mais o apoio das demais forças da frente única, principalmente da classe operária, abrindo assim novas possibilidades para o desenvolvimento da luta antiimperialista.

Por outro lado, a situação internacional também exerce grande influência no desenvolvimento dos acontecimentos políticos em nosso país. Em 1937, o ascenso do fascismo no plano internacional favoreceu aqui a implantação do Estado Novo. Mais tarde, em 47, foi animado por uma conjuntura internacional na qual os imperialistas norte-americanos ameaçavam abertamente a humanidade com a guerra, que o governo de Dutra empreendeu nova ofensiva contra as forças democráticas. Hoje, porém, na situação internacional, verificaram-se mudanças qualitativas que resultaram numa correlação de forças decididamente favorável à classe operária e ao movimento de li-

bertação dos povos. Essas mudanças não podem deixar de influir favoravelmente no desenvolvimento das forças progressistas que em nosso país sempre existiram e nunca deixaram de lutar.

É necessário avaliar devidamente a importância histórica da formação e crescimento fortalecimento do sistema socialista mundial. Todos os acontecimentos na arena internacional são decisivamente determinados pela existência do sistema socialista mundial. A luta dos povos oprimidos, pela sua libertação nacional adquiriu hoje possibilidades que não eram permitidas sequer imaginar no século passado e mesmo após a primeira guerra mundial. Assistentes agora ao efetivo desmoronamento do sistema colonial do imperialismo. Os povos oprimidos ainda são obrigados, em diversos casos, a enfrentar as brutais repressões do imperialismo, particularmente o norte-americano, que exerce o papel de terror gendarme mundial da reação e da opressão colonialista. Mas a verdade é que, em um país, após outro, massa de centenas de milhões estão se libertando do colonialismo, com o apoio decisivo da União Soviética e dos demais países socialistas.

É a existência e atuação do sistema socialista mundial a fator fundamental que torna possível impedir a eclosão de uma nova guerra mundial.

Nestas condições internacionais, é compreensível que as formas de luta dos comunistas devem se tornar mais variadas, ricas e flexíveis, de país para país. A possibilidade de desenvolvimento pacífico do processo revolucionário se tornou real para uma série de países. E, enquanto perdurarem e se acentuarem as atuais condições favoráveis da situação internacional, aquela possibilidade será cada vez mais efetiva, inclusive no Brasil, como afirma a Declaração política do CC. do nosso Partido.

UM CONCEITO DE KRUSCHIOV DETURPADO PELA A.F.P.

A PRÁTICA DA FALSA INFORMAÇÃO PELAS AGÊNCIAS TELEGRÁFICAS

É universalmente sabido que no mundo capitalista, embora se fale com bastante ênfase em liberdade de imprensa, liberdade de informação, etc., essa liberdade na realidade não existe. Poderosas agências telegráficas e grandes cadeias de jornais multimilionários — financiados por organizações poderosas ou mantidos quase totalmente pelos anúncios de trustes, monopólios ou filiais suas — difundem apenas o que lhes interessa. Muitas e muitas vezes faltam clinicamente à verdade. Outras vezes, divulgam boatos ou simples mentiras pelo mundo inteiro. Ainda há pouco, o Primeiro Ministro do governo da Polônia, Gomulka, recordava que, logo depois do fuzilamento de Nagy, jornais e agências telegráficas estrangeiras o tinham dado como demitido, preso ou «depurado». Não faz muito, essas mesmas agências e jornais anunciavam o suposto desaparecimento do líder soviético Mikhail Súslov e a morte de Bulgânin...

Com tais boatos alarmistas, com semelhantes mentiras, ajudam a reação mundial a manter o clima de «guerra fria» contra o campo do socialismo. Ajudam a agravar a tensão internacional, que tanto favorece aos incendiários de guerra imperialistas.

Um nosso leitor, Carlos Salles, escreve-nos a propósito de uma das tantas deturpações grosseiras das agências telegráficas. Desta vez foi a France Press (AFP), transmitindo uma passagem de discurso do Primeiro Ministro Soviético Kruschiov. Segundo o telegrama da AFP em «O Estado de São Paulo» e «Notícias de Hoje» de 26.VI.58, Kruschiov teria dito o seguinte:

«Uma ampla união dos operários, dos artesãos, dos camponeses e dos intelectuais é possível mediante a condição expressa de que a classe operária tome o poder».

A deturpação salta à vista. Mas vejamos o texto do próprio Kruschiov em «Pravda» de 25.VI.58:

«Em aliança com tais partidos (partidos que se propõem a construir o socialismo — nota da Redação), os Partidos comunistas poderão unir as forças da classe operária e, depois, em esforços conjuntos, alcançar a unidade, em torno da classe operária, de seus aliados — os camponeses trabalhadores, os artesãos, a intelectualidade. Semelhante união é condição indispensável para a conquista do poder pela classe operária e o estabelecimento do regime socialista, inclusive pelo caminho parlamentar pacífico».

(Esta declaração de Kruschiov foi feita numa entrevista ao jornalista australiano John Watters.)

Pelo trecho citado da entrevista do Primeiro Ministro soviético, percebe-se a diferença fundamental entre o que publicou «Pravda» — reproduzimos o texto oficial da entrevista — e o que divulgou a France Presse. A agência telegráfica francesa afirma que Kruschiov teria defendido a tese de que somente com a tomada do poder pela classe operária seria possível uma ampla união dos operários, camponeses, artesãos e intelectuais. É justamente o contrário. Para a tomada do Poder é «condição indispensável» — disse Kruschiov — os partidos comunistas unirem as forças da classe operária e, em torno dela, alcançarem a coesão de seus aliados.

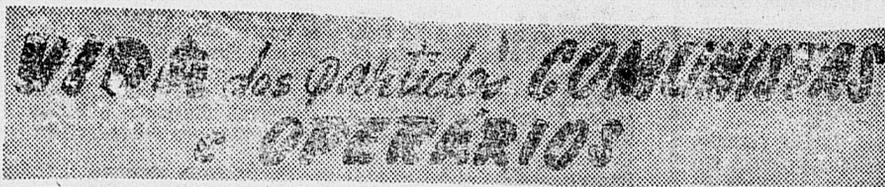
Ai está mais um exemplo de como as agências telegráficas do mundo capitalista deturpam e falsificam as informações. E são essas agências — não podemos esquecê-lo — que fazem as manchetes diárias dos grandes jornais brasileiros.

Ao nosso leitor Carlos Salles agradecemos a colaboração para ajudar a desmascarar a falsificação da AFP.

Conferência do PC Francês

A 17 de julho, reuniu-se em Montreuil, na França, uma Conferência Nacional do PCF. Em suas resoluções, a Conferência aprovou um apelo dirigido ao povo francês sobre a atual situação na França, com a subida de De Gaulle ao Poder. O apelo diz que a ditadura militar dos generais e dos coronéis, detendo todos os poderes, impõe na Argélia o terror fascista. Denuncia o plebiscito-referendum convocado por De Gaulle para 5 de outubro, conclamando o povo francês a dizer «Não» à ditadura militar, à miséria e à guerra. «Votar «não» — diz o apelo da Conferência do PCF — é votar pelo renascimento da democracia, pois somente ela pode abrir à França um futuro de grandeza, digno das tradições de seu passado». «Votar «não» é votar pela República, é votar pela França».

O CC do PCF resolveu que a camarada Paul Laurent, membro do Comitê Central, irá a assistente do Biro Político.



PRONUNCIA-SE O PC DA AUSTRALIA

O Secretário geral do Partido Comunista da Austrália, L. Sharki, condenou enérgicamente os Estados Unidos por terem invadido o Líbano com tropas. O desembarque de fuzileiros navais americanos no Líbano, disse Sharki, demonstra que os imperialistas estão dispostos a mergulhar o mundo na guerra atômica, ignorando os anseios nacionais dos povos árabes. L. Sharki conceitou todos os comunistas e todos os que amam a paz a tomar medidas imediatas para frear os incendiários de guerra. Conclamou também o povo australiano a enviar delegações, telegramas e cartas ao governo a fim de exprimir sua decisão de não permitir a participação da Austrália numa provocação imperialista contra a paz.

PLENO DO PC DO PARTIDO SOCIALISTA UNIFICADO DA ALEMANHA

Realizou-se a 18 de julho uma reunião plenária do novo CC do Partido Socialista Unificado da Alemanha, eleito no recente congresso do Partido. O CC elegeu para o cargo de Primeiro Secretário o camarada Walter Ulbricht. Para membros do Biro Político foram eleitos Ebert, Groedel, Hoener, Leuchner, Matern, Mukkenberg, Neumann, Norden, Pick, Rau, Stof, Ulbricht e Warnke.

CONFERENCIA E CONGRESSO

DO PC DO JAPÃO

De 21 a 23 de julho findo, realizou-se em Tóquio uma Conferência preparatória do Congresso do Partido Comunista do Japão. Dos trabalhos da conferência participaram 500 delegados das organizações locais do Partido e dos membros do seu Comitê Central. Os participantes da conferência discutiram problemas relativos ao VII Congresso do PC japonês.

No dia mesmo do encerramento da Conferência, teve início o Congresso do Partido.

O PC DA ITALIA SOBRE A AGRESSÃO NO ORIENTE MEDIO

O Comitê Central do Partido Comunista Italiano dirigiu uma mensagem ao povo italiano na qual diz: «O CC do PCI, profundamente indignado, desmascarou a agressão grosseira e cínica realizada pelo imperialismo americano contra a independência e a liberdade dos povos do Líbano, Jordânia, Irã e outros países árabes».

O Comitê Central do Partido Comunista Italiano considera inadmissível que os portos do nosso país sejam utilizados como bases para as aventuras imperialistas dos anglo-americanos».

Informe de Thorez

Na Conferência Nacional do PCF, o Secretário geral do Partido, camarada Maurice Thorez, apresentou um informe (a 17 de julho), do qual em próximo número, publicaremos os trechos principais. No informe, Thorez trata das seguintes questões: 1) — alguns ensinamentos do desenvolvimento político da França depois da libertação; 2) — Contra a ditadura pessoal e militar; 3) — A luta de massas e a frente única; 4) — os comunistas perante as tarefas futuras.

O discurso de encerramento da Conferência nacional do PCF foi feita pelo camarada Jacques Duclos. Duclos

definiu como tarefas principais do Partido, neste momento: «resposta indispensável aos atentados fascistas contra a liberdade, contra os militantes e as organizações operárias e democráticas e a batalha pelo «Não» ao referendum-plebiscito, de 5 de outubro próximo». Duclos afirmou que a inatividade ante os ataques fascistas será extremamente perigosa e estimulará os elementos facciosos, tanto militares como civis, tendo por consequência desmoralizar as massas, quando é necessário dar-lhes consciência de sua força e da eficácia de sua luta.

A 2ª de julho, comemoramos em Moscou a grande festa do Dia da Frota Aérea da URSS. As comemorações consistiram em exhibições no aeródromo "Tchkalov", em Tschino, nas vizinhanças da Capital soviética. Milhares de pessoas se concentraram na enorme planície formada ao pelo rio Moscou a fim de assistir às demonstrações dos bravos aviadores e paraquedistas soviéticos. Esta foto (ao lado) mostra uma parcela da multidão presente às exhibições aéreas. Em baixo, outro aspecto da festa da aviação na União Soviética. Sobre o aeródromo do Aeroclube Central "Tchkalov" desceram paraquedistas em massa.



Dirigentes Comunistas Palestram Com Frondizi

«Nuestra Palabra», órgão gemanal do Partido Comunista argentino, noticiou em seu número de 26/6 uma entrevista mantida pelos dirigentes comunistas Codovilla, Arnedo Alvarez, Larralde e Ghioldi com o Presidente da República, Arturo Frondizi. O Presidente Frondizi, ao receber os líderes do PC argentino, estava cumprindo seu plano de encontros com representantes autorizados de todos os partidos políticos do

país. O objetivo desses encontros é discutir os problemas premitentes da Nação. Nesse número, o jornal denuncia manobras de agentes norteamericanos para obsequir vantagens na solução da questão petrolífera. Com este objetivo, estava sendo aguardado em Buenos Aires, o sr. Henry Holland, personalidade oficial e ao mesmo tempo homem estreitamente ligado aos trustes de petróleo dos Estados Unidos.

PLENO DO CC DO PC DA FINLÂNDIA

Em meados de julho realizou-se em Helsinque, uma reunião plenária do Comité Central do Partido Comunista da Finlândia, para discutir os resultados das recentes eleições parlamentares naquele país. O informe do CC sobre problemas de organização foi apresentado pelo Secretário do CC., Malmberg.

Nossa vitória nas eleições — disse o camarada Malmberg — foi possível porque, de maneira consequente e intransigente, defendemos os interesses dos trabalhadores de nosso país, os direitos democráticos e atuamos a garantia de uma política exterior pacífica e pelo reforçamento das relações de boa vizinhança entre a Fin-

Mais Vigor na Luta Pela Revisão do Salário-Mínimo

Decididamente as entidades e dirigentes sindicais de modo geral não estão dedicando a devida atenção ao problema da revisão, em caráter extraordinário, dos atuais níveis de salário mínimo. Apesar dos novos aumentos de preços que todos os dias se verificam os pedidos de revisão já encaminhados por várias organizações de trabalhadores e as reorganizações de algumas Comissões Regionais de salário mínimo, não estão sendo complementados por um trabalho da necessária envergadura para mobilizar as massas trabalhadoras e pressionar sobre quem de direito deve tratar da questão.

A designação, em assembleias, dos elementos dentre os quais devem ser escolhido os membros das Comissões de Salário Mínimo, precisa multiplicar-se por todos os Sindicatos. Ao mesmo tempo há

necessidade de fazer pressão por todas as formas a fim de que as referidas Comissões se reúnam e deliberem.

«Imediata revisão do atual salário mínimo, nos moldes vigentes, reunindo-se as comissões regionais dentro de 30 dias, no máximo» — esta foi a resolução tomada pela I Conferência Nacional Sindical nos últimos dias de março do corrente ano. Estamos em agosto, e ainda se trata de tornar aceita a tese da necessidade da revisão do salário mínimo antes do prazo regulamentar. Assim, pelo menos, o compreenderam os gráficos de S. Paulo que em assembleia decidiram formar uma comissão para promover reuniões nos bairros, com o fim de chamar a atenção dos trabalhadores para a necessidade de pleitear novo salário ao mesmo tempo que enviavam telegramas ao Presidente

da República, Ministro do Trabalho, ao SEPT e à Comissão de Salário Mínimo de S. Paulo, nesse sentido.

No que diz respeito ao Distrito Federal, a II Convenção dos Trabalhadores deverá discutir o problema. Mas os sindicatos não devem ficar esperando pelas resoluções desse certame para impulsionar a luta.

A Convenção realizar-se-á em setembro. O fim do ano aproxima-se e, se não houver suficiente energia por parte dos trabalhadores, logo os inimigos da elevação imediata do salário mínimo terão o argumento de que, estando próximo a exgotar-se o prazo normal para a revisão — 1959 — não pagará a pena fazê-lo em caráter excepcional. Tais protelações não se coadunam com os interesses dos que vivem de salários.

RECEBIMENTOS

Recebemos das agências relacionadas no período de 24-7-58 a 30-7-58 os seguintes pagamentos:

Manaus Cr\$ 610,00; Campina Grande Cr\$ 200,00; Batatais Cr\$ 200,00; Rio Claro Cr\$ 1.138,00; Salvador Cr\$ 1.900,00 e Salvador Cr\$ 800,00 (N. O. S.); Santos Dumont Cr\$ 200,00; São Luiz Cr\$ 200,00 (H. C.); Manaus Cr\$ 640,00; Recife Cr\$ 1.000,00; João Pessoa Cr\$ 3.000,00; Apucarana Cr\$ 500,00; Campo Grande...

«URSS»

Revista (quinzenal) de informação editada pela Seção de Imprensa da Legação da URSS no URUGUAI

ANO DE 1958: n.ºs. 2,3,4,5,6,7,8,9,10 e 11

Número avulso: Cr\$ 5,00

ASSINATURA ANUAL:

Para recebimento em nosso escritório 96,00
Para o D. Federal e Interior (recebimento pelo Correio) 144,00

RECORTE E ENVIE-NOS ESTE COUPON

À Editorial VITÓRIA Ltda.

Rua Juan Pablo Duarte, 50 Sob. Rio de Janeiro

Anexo a este o vale postal, ou cheque bancário, no valor de Cr\$ 144,00, para uma assinatura anual (24 números) da revista «URSS», a contar do N.º do ano de 1958.

Nome
Endereço
Cidade Estado

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

RUA JUAN PABLO DUARTE, 50 SOB. (ANTIGA RUA DAS MARRECAS) TEL.: 22-1613

Acontecimentos da Vida SINDICAL

— Os empregados do Consórcio Real-Aerovias-Nacional, que controla 40 por cento da aviação comercial brasileira, estão dispostos a recorrer à greve, na luta pela equiparação de salários.
— O Sindicato dos Estivadores de Fortaleza requereu providências contra a isenção de estiva para os iates, tendo o Ministério do Trabalho acolhido a representação e determinado que a Delegacia Regional do Ceará adote as recomendações propostas.
— O Sindicato dos Estivadores de Fortaleza requer merciais de Minérios e Combustíveis do Rio de Janeiro, obteve, através de sentença do TRT, o aumento de 25 por cento sobre os salários atuais para os trabalhadores que operam em postos de gasolina.
— O Sindicato dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro comemorou no dia 29 de julho p. passado, 50 anos de existência.
— No dia 25 de julho p. passado o Presidente da República assinou decreto regulamentando a Lei que concede a aposentadoria ordinária aos trabalhadores.
— A Federação dos Ferroviários tomou posição em defesa dos aposentados e pensionistas, contra o veto do Presidente ao art. quarto da supra mencionada lei. A referida Federação está interpellando as entidades sindicais, especialmente as confederações sobre qual a sua atitude do talado veto.
— Em virtude de sentença judicial foi suspensa a contribuição de 1 por cento que o IAPI vinha arrecadando dos seus segurados a título de assistência médica.

II Congresso Nacional do Funcionalismo

INSTALAÇÕES — PRINCIPAIS DELEGAÇÕES

No dia 29 de julho p. passado, às 20 horas, no auditório do Instituto dos Comerciantes instalaram-se os trabalhos do II Congresso Nacional extraordinário dos Servidores Públicos. Estiveram presentes participando da mesa que dirigiu a sessão inaugural, o sr. Dinarte Mariz, governador do Rio Grande do Norte, e o deputado Gurgel do Amaral, do Distrito Federal. Enviaram representantes o general Teixeira Lott, Ministro da Guerra, o vice-presidente da República, sr. João Goulart, o sr. Mario Pinotti, Ministro da Saúde e o Almirante Eduardo Fontenele. O Presidente da República enviou uma saudação. Estiveram presentes ou enviaram

representantes, os presidentes de vários Institutos de Previdência.

A Comissão organizadora da II Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal, presente através de alguns dos seus membros, saudou o Congresso e convidou o funcionalismo a participar daquele conclave dos trabalhadores cariocas a realizar-se em setembro.

Para presidente do Congresso foi eleito o sr. Lício Hauer, presidente da UNSP, que pronunciou o discurso de abertura. Participaram da direção dos trabalhos, como vice-presidentes, todos os presidentes de delegações estaduais.

PRINCIPAIS DELEGAÇÕES

Participaram do Congresso cerca de 750 delegados. Todos os Estados enviaram suas delegações, à exceção do Amazonas e Espírito Santo. A delegação mais numerosa foi a do Distrito Federal, seguindo-se a de São Paulo com mais de 80 delegados, Pernambuco, 45, Minas e Rio Grande do Sul, com 20 delegados cada uma, etc.. Fizeram-se representar mais de 200 Associações de Funcionários, disseminados por todo o país. Entre as várias Federações de Servidores presentes notavam-se a do Ceará, Pernambuco, São Paulo, Bhaia, Sergipe e Distrito Federal. Do que foi o Congresso daremos reportagem mais detalhada no próximo número.

VOZ OPERÁRIA

Diretor

Mário Alves

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and. s/ 1.712 - Tel.: 42-7344

ASSINATURAS:

Núm. avulso 3,00
Anual 150,00
Semestral 80,00
Trimestral 60,00
Aérea ou soz registro, despesas à parte:
Núm. atrasado 5,00

SUCURSAL

PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, n.º 66, s/ 43.

PELA PAZ E A VITÓRIA DO SOCIALISMO NA ALEMANHA

CONCLUSÃO DA 4ª PAG)

O fator mais importante na educação política é a ligação de certa parte do aprendizado com a produção, tornando-se assim mais fácil ligar os conhecimentos teóricos na biologia, física e matemática com os problemas práticos na indústria, nas cooperativas de produção agrícola e nas estações de máquinas e tratores.

A classe operária da República Democrática Alemã já é dona da vida estatal e econômica. Cabe-lhe agora assimilar as conquistas mais avançadas da cultura. Somente unindo-se a teoria à prática é que se pode educar os jovens, tornando-os capazes de servir à causa do socialismo. Por isso recomendamos que se controlem, modifiquem e se aperfeiçoem constantemente os programas existentes de conferências, de currículo escolar e os trabalhos de pesquisa para se verificar se correspondem às conquistas mais avançadas da ciência e às necessidades da prática socialista, o que só será possível se o corpo docente e discente tiverem consciência de que trabalham em prol do socialismo e de que qualquer outra perspectiva não lhes convém.

Para se formar uma intelectualidade nova e estreitamente ligada à classe operária é necessário que o materialismo dialético se torne a concepção do mundo dominante em todas as universidades e em todas as escolas superiores. Para isso é necessário estudar o marxismo-leninismo durante todo o aprendizado na escola superior e nos cursos de aperfeiçoamento.

É necessário utilizar sistematicamente a experiência da União Soviética e dos países de democracia popular para se elaborar e realizar um plano de educação superior que reúna os conhecimentos científicos à experiência prática.

O meio mais seguro para se resolver os problemas da arte, que se traduz em formas sempre novas, é o emprêgo consequente e o desenvolvimento do método do realismo socialista. Desde que, após as conferências relativas aos problemas da cultura, os membros do Partido, nas uniões de artistas e nas instituições correspondentes, novamente se organizaram e estabeleceram uma linha de princípios, obrigatória para todos os membros do Partido, sobre todas as questões importantes, conseguindo-se esclarecer realmente o problema da necessidade do papel dirigente da classe operária também em todos os domínios da arte e da cultura.

O DESENVOLVIMENTO DO PSUA COMO PARTIDO MARXISTA-LENINISTA

É dever histórico do PSUA conseguir a vitória do socialismo em uma parte da Alemanha, com a existência de fronteiras abertas, e numa atmosfera em que se trava uma luta de âmbito mundial entre os sistemas capitalistas e socialistas. A tarefa de conseguir a vitória do socialismo pressupõe exigências elevadas ao Partido, e seus órgãos dirigentes, às organizações de base, a todo membro e candidato a membro do Partido. Por isso, durante a preparação do Congresso, no Partido e entre a opinião pública discutiram-se amplamente todos os problemas políticos, econômicos, ideológicos e de organização. Conseguiu-se, por esse meio, no processo de preparação do Congresso do Partido, continuar a reviravolta iniciada pelo 30º Pleno do CC, superar os fenômenos de estagnação e de neutralismo e, também, fortalecer — graças aos novos êxitos na indústria, na agricultura e no domínio científico — o poder operário e camponês e fazer avançar a obra de transformação socialista.

O putch contra-revolucionário na Hungria foi uma lição para o Partido. Com os acontecimentos naquele país os membros de nosso Partido compreenderam mais claramente a necessidade do fortalecimento marxista-leninista do Partido, de se intensificar a luta contra o revisionismo e o oportunismo e de se estreitar ainda mais as ligações entre o Partido, a classe operária e as massas populares. Quando em 1956, sob a influência da propaganda revisionista feita pelo círculo de Petöfi na Hungria e pelos círculos revisionistas em alguns outros países, os elementos instáveis também em nosso Partido se pronunciaram contra o papel dirigente do Partido, este se revelou suficientemente experimentado e firme para superar com êxito essas nefastas concepções.

Gracias à vigilância do Partido e dos órgãos de segurança da República Democrática Alemã conseguimos liquidar com os grupos contra-revolucionários como o de Herich-Jank, e também os grupos com plataformas revisionistas, parcialmente orientados por agentes estrangeiros. Deve-se apreciar, em ligação com os complexos acontecimentos daquela época, o procedimento do grupo de Schirdevan. Nas teses discutidas pelo Congresso esse grupo é caracterizado da seguinte maneira:

"As causas das doutrinas oportunistas que constituem a essência da atividade fracionista estão sobretudo na falsa análise da situação reinante e na flexibilidade com que o inimigo exercia sua pressão e também na arrogância, presunção e desprezo pela direção coletiva".

O grupo de Schirdevan quis dirigir o Par-

tido por falso caminho, recorrendo a métodos fracionistas para chegar a seu objetivo. Graças à unidade marxista-leninista do Partido foi possível evitar-se sério perigo. Os camaradas Schirdevan, Wolweber, Schiller, Elsner e Zellmann refletiam vacilações oportunistas peculiares aos companheiros mal ligados à classe operária e aos camponeses trabalhadores e que achavam que por meio do retardamento da construção do socialismo é possível evitar certas dificuldades, e, em virtude de sua mania de grandeza, colocaram-se acima do Partido.

Desde o 30º Pleno do Comitê Central, nosso Partido passou a realizar suas grandes tarefas por meio de novos métodos. A passividade e a auto-suficiência foram superadas graças à crítica e autocrítica. Venceram-se as concepções que defendiam a coexistência ideológica. O Partido desenvolveu sua atividade por novos métodos através da participação de muitos de seus militantes no trabalho prático nos locais e, por vezes, na atividade produtiva.

Melhorando o estilo de trabalho de todos os membros do Partido, independentemente do posto ocupado, o Partido deseja unir-se mais estreitamente às massas populares, desenvolver a atividade dos trabalhadores, considerar mais profundamente a experiência dos operários, intelectuais, camponeses e representantes da camada média e utilizar essa experiência em proveito da edificação do socialismo. A proposta de que os militantes do Partido, do aparelho governamental e das organizações de massa participem regularmente da produção e da realização de obras básicas não só tem utilidade prática mas também ajuda aos companheiros a assimilar importante experiência, o que contribuirá para que cumpram seus deveres com maior eficiência no aparelho partidário e governamental.

Todo militante do Partido e funcionário público assume o compromisso de passar certa época do ano na base: empresa industrial, agricultura, no sistema nacional de educação ou, por exemplo, na seção distrital de planificação ou na organização comercial oficial do lugar. O Partido concentra sua principal atenção no trabalho das empresas industriais e na agricultura; o critério da qualidade do trabalho da direção partidária local é o cumprimento das tarefas programadas.

É preciso continuar melhorando a composição social do Partido. Deve ser cumprida com consequência a decisão de se preferir o operário industrial, principalmente os de vanguarda, e os membros das cooperativas de produção agrícola como candidatos a membros do Partido. Nosso problema não é o de aumentar o número de membros do Partido, e sim de educar todos os membros do Partido, de fortalecer ideológica e politicamente as fileiras do Partido.

É também justo que sejam excluídos do Partido aqueles que se revelem carreiristas, os que não possam modificar suas concepções pequeno-burguesas e, por isso, não estejam em condições de cumprir os deveres que os Estatutos lhes impõem, assim como aqueles que repetidamente cometem falhas de ordem moral.

O 35º Pleno do Comitê Central estabeleceu novas diretrizes para a atividade nos sindicatos. A essência do problema é a seguinte: os membros do PSUA nos sindicatos devem, sob a direção e o controle permanentes dos órgãos partidários, conseguir que os sindicatos, como organizações de classe dos operários, exerçam melhor sua função de escala de socialismo e de construtores práticos do socialismo. É necessário ressaltar que a atividade dos grupos partidários e dos membros do Partido nos sindicatos deve ser melhorada consideravelmente e que os órgãos partidários devem sentir em maior grau sua responsabilidade pela atividade sindical.

É também importante não só dirigir os sindicatos e criticá-los de fora: é preciso igualmente trabalhar nos próprios sindicatos. Devemos ajudá-los, em particular por meio da organização de debates nos sindicatos sobre a essência das tarefas que têm a realizar e os métodos de cumpri-las.

As mulheres representam grande papel em nossa vida econômica e social, em particular na educação das crianças e da juventude. Temos todas as possibilidades de incorporá-las à edificação do socialismo, pois só o socialismo poderá reduzir a carga dupla que pesa sobre as mulheres e colocar em bases sólidas a educação dos filhos para que se transformem em indivíduos avançados, educados e dotados de força de vontade. Devemos, lamentavelmente, assinalar que muitos órgãos dirigentes do Partido não dedicam a atenção devida ao trabalho entre as mulheres.

Transformar a União da Juventude Livre de Alemanha em organização juvenil socialista, estreitamente ligada às amplas massas da juventude e que incorpore a maioria dos jovens à construção do socialismo, depende em grau considerável da atividade dos membros do PSUA ligados à União da Juventude Livre da Alemanha. Se esses companheiros cumprirem até o fim seus deveres como membros do Partido e se os grupos partidários nos órgãos dirigentes da União trabalharem com

acerto, essa organização realizará de maneira mais eficiente seu trabalho educativo. É justo que a União da Juventude Livre da Alemanha trabalhe principalmente por recrutar a juventude operária. A educação dos jovens na produção é parte importante de nossa atividade educativa para a formação do homem socialista.

A própria juventude muito fez para extirpar as consequências da guerra hitlerista e para edificar o socialismo. Em que reside a dificuldade de trabalhar com considerável parte da juventude? A dificuldade consiste em que a juventude cresce num período de transição, não pode por si mesma compreender as causas mais profundas das contradições da vida e, além disso, parcialmente, se deixa influenciar pela "guerra fria" realizada pelo Ocidente. Uma vez que essa juventude não viveu sob o capitalismo, em parte se deixa contaminar, particularmente nas escolas de cultura geral, nas escolas médias, nas escolas superiores e universidades, por certa influência burguesa reacionária, assimila certas sobrevivências do passado com os pais ou cal sob a influência da propaganda inimiga transmitida pelo rádio. Apresento em primeiro plano essas questões complexas para que todos os membros do Partido prestem, em sua atividade de massas, apoio ainda maior à União da Juventude Livre da Alemanha e para que os operários e a intelectualidade técnica cuidem mais da juventude nas empresas e institutos.

Já criamos no fundamental as bases do socialismo em uma parte da Alemanha. Tor-na-se hoje realidade na Alemanha o ideal proclamado no passado por Karl Marx e Frederico Engels, ideal pelo qual Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo e Ernst Thaelmann deram a vida, pelo qual Rudolph Breitscheid e

muitos outros militantes do Partido Social Democrático enfrentaram a morte, pelo qual Heinrich Mann e numerosos representantes da intelectualidade fizeram grandes sacrifícios na luta contra o fascismo alemão. O V Congresso do PSUA mostra à classe operária e a toda a população da República Democrática Alemã o caminho para o objetivo almejado — a vitória do socialismo.

Gracias à inabalável unidade do PSUA, graças ao marxismo-leninismo, aumenta a autoridade do poder operário e camponês da República Democrática Alemã. O caminho para a vitória do socialismo na República Democrática Alemã, que prometemos ao V Congresso do Partido, comprova que a autoridade da República Democrática Alemã se torna maior do que a autoridade do Estado autoritário, militarista e clerical de Bonn. Essa ascendência se revela na superioridade da ordem social socialista sobre o domínio de classe dos capitalistas partidários da política do armamento atômico da Alemanha Ocidental. A autoridade da República Democrática Alemã é condicionada pelo ritmo e pelos êxitos alcançados na edificação do socialismo, pela amizade sólida e inquebrantável com a União Soviética e os países do campo socialista e pela ligação com a classe operária e as forças progressistas da Alemanha Ocidental.

Desejaria terminar com os seguintes apelos:

Avante, na luta pela vitória do socialismo na República Democrática Alemã!

Viva a unidade marxista-leninista do campo socialista chefiado pela União Soviética!

Viva o glorioso Partido Comunista da União Soviética, que demonstra, pelos seus grandiosos feitos, a superioridade do sistema socialista sobre o capitalismo!

Viva a luta comum de todos os povos pela paz em todo o mundo!

História de Luta dos Trabalhadores...

tos de salários é a exploração a que a indústria de calçados está submetida pelo truste norte-americano «United Shoe Machinery Company». Não há dúvida que nisto há sempre uma ponte de chantagem por parte dos empregadores, mas a verdade é que a exploração do referido truste não só os industriais e trabalhadores em calçados como toda a população brasileira.

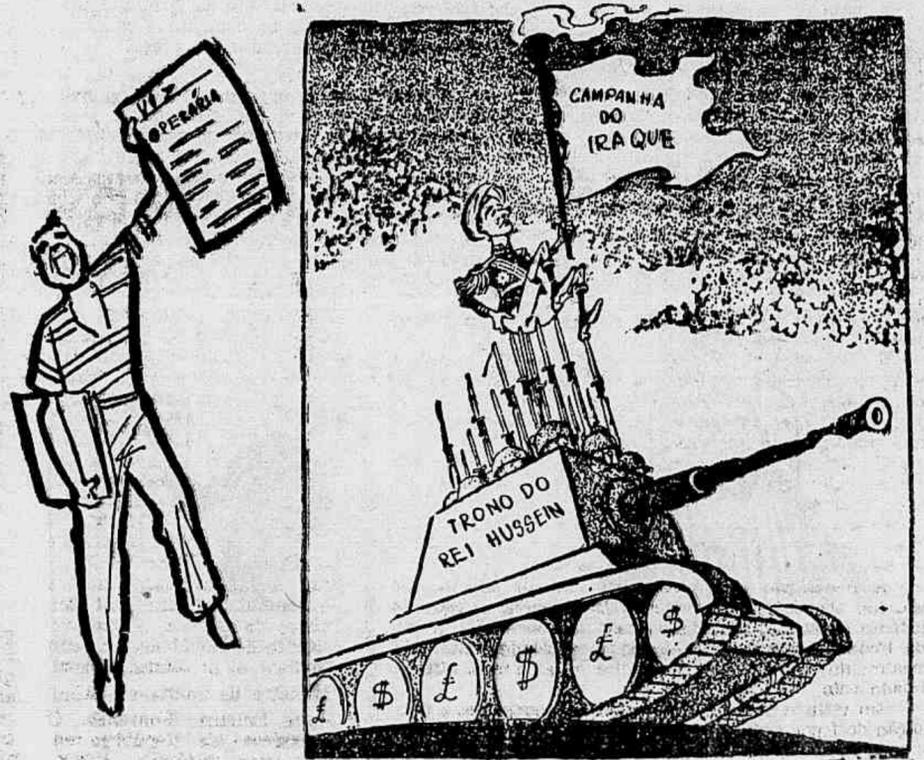
Os industriais pagam à United Shoe alugueis extorsivos pelo uso das máquinas e, à medida que as diversas peças que as compõem se gastam, são obrigados a comprá-las ao próprio truste que delas possui o monopólio. Assim, através da substituição das peças, as máquinas são completamente renovadas às custas dos industriais, os quais, no entanto, continuam pagando o aluguel das mes-

mas. Desta maneira, parte do lucro proporcionado pelo calçado que o povo brasileiro adquire a altos preços, é permanentemente sugado pela empresa imperialista.

Outra dificuldade reside nas crises periódicas na produção de calçados por ano. Isso sig-nificou mercado interno. Para uma população de mais de 60 milhões de habitantes, produzem-se no país aproximadamente 30 milhões de pares de calçados por ano. Isso significa que por falta de recursos, metade da população anda descalça. Esta situação somente poderá ser resolvida elevando-se o poder aquisitivo das massas trabalhadoras, principalmente dos milhões de camponeses, para o que é indispensável a adoção de medidas de reforma agrária.

Compreendendo esses problemas, o Sindicato, ao mes-

mo tempo que luta pelo aumento de salários, em ofício enviado ao sr. Armando Bordalo, presidente do Sindicato patronal, felicitou-o pela luta que o mesmo vem travando, contra o truste das máquinas de calçados e prontificou-se a desenvolver essa campanha entre as massas trabalhadoras e a estudar conjuntamente com os industriais as medidas tendentes a eliminar os entraves que impedem o desenvolvimento da indústria de calçados. Os empregadores acolheram com satisfação o pronunciamento do Sindicato dos trabalhadores, numa demonstração de que a luta dos operários em defesa do seu nível de vida não é incompatível com a frente única da classe operária com os industriais progressistas pelo desenvolvimento independente da economia nacional.



3ª POSIÇÃO: manobra dos TRUSTES

Os trustes norte-americanos jamais consideraram definitiva e irreversível a derrota que lhes impôs o povo brasileiro na questão do petróleo. Suas manobras têm assumido as formas mais diversas e sutis, mas até hoje a vigilância da opinião pública logrou desmascará-las e neutralizá-las no nascedouro. A propaganda contra a política de monopólio estatal e contra a Petrobrás tem sido permanente e pertinaz. Seria perigoso subestimar os seus efeitos, deixando sem resposta argumentos que frequentemente se revestem de roupagens enganosas e de aparência inocente.

Essa ofensiva dos trustes intensificou-se bastante nos últimos tempos. Numerosos órgãos da chamada grande imprensa, secundados pela propaganda radiofônica, abrem manchetes e estampam editoriais vistosos, quasi que diariamente, batendo em geral naquela tecla já velha, tão do agrado do general Juarez Távora: a urgência, a necessidade do petróleo «já e já», sob pena de ser o país arrastado ao abismo da insolvência. E já agora, mediante uma interpretação capciosa dos acordos recentemente anunciados pelo presidente Frondizi, acrescentam a esse argumento o de que o Brasil «ficará reduzido a uma nação de terceira ordem, na América do Sul», si não se encontrar «solução imediata» para o problema do petróleo nacional.

Qual essa "solução imediata", preconizada pelas forças entreguistas? Apresenta-se ela como "terceira posição", isto é, uma posição "intermediária" entre o "entreguismo puro" e o "nacionalismo radical". Consistiria ela em manter o monopólio da Petrobrás no setor da refinação, e permitir a "livre concorrência" e a atuação dos capitais estrangeiros no setor da "pesquisa" e da "lavra" ou "produção". Assim, ao lado da Petrobrás, que continuaria a explorar o petróleo da Bahia e de algumas outras regiões, seriam dadas concessões petrolíferas aos trustes estrangeiros, para pesquisa de jazidas e sua exploração, isto é, para a extração do petróleo bruto. O tão alagado "monopólio estatal da refinação" ficaria naturalmente limitado ao consumo interno do Brasil, pois o petróleo bruto que fosse exportado iria proporcionar aos trustes, fora do território nacional, os lucros adicionais oriundos desse ramo da indústria petrolífera.

O que se pretende é portanto a instituição pura e simples do regime de concessões aos trustes estrangeiros. Sob o disfarce de "terceira posição", instalar-se-iam em nossas regiões petrolíferas essas poderosas empresas, com todo o seu gigantesco poderio econômico e político, sua máquina de corrupção, e a proteção "diplomática" do Departamento de Estado e dos "marines" da Esquadra Ianque. E isso numa época em que as lutas dos árabes e a derrocada da ditadura venezuelana tornaram evidente, mesmo para os mais crédulos, que as concessões aos trustes não trazem prosperidade para as nações nem felicidades e bem estar para os povos.

A idéia da "terceira posição" não é nova. Foi pela primeira vez levantada entre nós pelo sr. Juraci Magalhães, há alguns anos, quando já ficara claro que era impossível transformar em lei o ante-projeto de Estatuto do Petróleo. Dizia-se então que, com o "monopólio da refinação", o Estado "seguraria a garrafa pelo gargalo" e dominaria os demais setores. Essa tese reapareceu depois no bôjo do projeto oriundo da Petrobrás, organizado em 1951 pela "assessoria técnica" da Presidência da República: a Petrobrás seria apenas uma empresa, controlada pelo Estado, ao lado da qual outras empresas, de caráter privado, poderiam ser oportunamente autorizadas. Depois de memorável campanha popular, que foi como que um prolongamento da campanha contra o Estatuto do Petróleo, a Câmara dos Deputados modificou, através de emendas, esse projeto original, e conferiu à Petrobrás o mo-

nopólio total da pesquisa, da lavra e transporte especializado, e o monopólio parcial da refinação, já que eram mantidas as refinarias particulares anteriormente concedidas a capitalistas brasileiros.

A "terceira posição" ressurgiu então, mais uma vez, no Senado, através da famosa "emenda 32", dos senadores Otton Maeder e Ismar de Goes, anulada pela Câmara em segunda votação. As concessões aos trustes recebiam aí o nome de "contratos de perfuração de poços"; mas eram contratos "sui generis", pois, a título de "prêmio", os "contratantes" adquiriam o direito de participar da produção dos poços durante dezênios, ou talvez mesmo durante toda a vida útil dos mesmos. Ficavam assim "associados" à Petrobrás, com direitos e privilégios de verdadeiros concessionários.

Chegamos assim à tão debatida e atual questão dos "contratos" de perfuração, ou, de um modo geral, dos contratos de prestação de serviços técnicos. Referimo-nos aos verdadeiros "contratos de prestação de serviços", mediante os quais os contratantes, terminadas as obras, são pagos em dinheiro e não adquirem qualquer espécie de direito relativo à produção ou à administração. São pagos e se retiram, depois de executados os serviços.

Não há nada, na lei da Petrobrás, que impeça operações desse tipo. Ao contrário, tais operações são normais, e vêm sendo realizadas há muitos anos, não só pela Petrobrás, como anteriormente, pelo Conselho Nacional do Petróleo. Ainda sob a administração do general Horta Barbosa aquele órgão contratou, a partir de 1938, e aliás com firmas de empreiteiros norte-americanos, não só as perfurações de poços na Bahia, como os estudos geofísicos baseados nos métodos sísmicos. Para que não haja confusões nem estranheza, convém esclarecer que as empresas contratantes não eram trustes petrolíferos, mas simples empresas de engenharia, especializadas em perfurações de poços e em geofísica, em tudo semelhante às firmas construtoras com as quais se contrata a construção de edifícios, por determinado preço.

Posteriormente, em fins de 1948, quando o governo Dutra, compelido pelo vigor da campanha popular, incumbiu o engenheiro Benetencourt Sampaio de adquirir navios petrolíferos e uma grande refinaria, foram realizadas com êxito operações do mesmo tipo, desta vez com pagamento a prazo, isto é, financiadas pelos próprios contratantes. E com a vantagem de sair da órbita norte-

Fernando Luiz Lobo Carneiro

americana, pois a refinaria de Cubatão foi construída por um consórcio industrial francês, e os navios petrolíferos foram adquiridos em diversos outros países inclusive no Japão.

Ainda dentro desse mesmo esquema foi construída a refinaria de Mataripe, e está sendo iniciada a refinaria do Rio de Janeiro, sendo que ambas com materiais fornecidos por empresas norte-americanas e européias.

lares existentes anteriormente (e que são hoje em dia de pequena importância, já quase esgotadas).

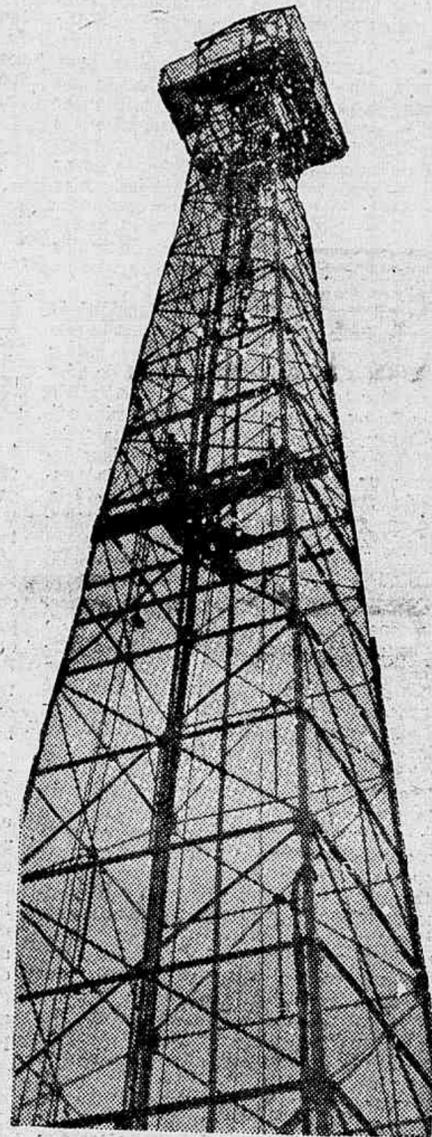
A única objeção que se poderia fazer às decisões de Frondizi, pelo menos em função dos detalhes já divulgados, seria a excessiva preponderância de empresas norte-americanas, que fatalmente colocaria a Argentina em grande dependência para com a pátria dos mais poderosos trustes petrolíferos. Mas ainda aqui parece que o próprio Frondizi adotou algumas providências corretivas, recorrendo também a grupos europeus, e aceitando publicamente, com ênfase especial, o oferecimento da União Soviética de fornecer 100 milhões de dólares de equipamentos para perfuração de poços e para refinação, pagáveis a prazo, em produtos de exportação argentinos. E além disso contratou a compra, na União Soviética, de 1 milhão de toneladas de petróleo bruto, durante um ano, para alimentar as refinarias de YPF, e anunciou a intenção de adquirir petróleo bruto também no México, na România, e em outras fontes independentes dos trustes.

Os jornais entreguistas da chamada "grande imprensa", que se embandeiraram em arco, ante os primeiros boatos sobre a "operação Frondizi", ficaram depois bastante decepcionados pelo fato desta não incluir concessões petrolíferas, mas ainda insistem, tentando passar gato por lebre, em apontar o "exemplo argentino" em apoio à famigerada "terceira posição". Não recomendariam, no entanto esse exemplo na parte em que Frondizi procura corajosamente apoiar-se numa cooperação econômica com a União Soviética e com o campo socialista em geral, caminho este que já poderia estar sendo adotado com êxito há vários anos pela Petrobrás.

A opinião pública sabe perfeitamente que a Rumânia e a União Soviética já ofereceram por diversas vezes exportar para o Brasil petróleo bruto e derivados de petróleo, e que esses dois países, a Alemanha Oriental e a Tchecoslováquia estão em condições de fornecer à Petrobrás equipamentos de refinação e de perfuração de poços em condições particularmente vantajosas.

A Petrobrás, apesar de certas falhas e erros de administração, tem obtido êxitos extraordinários, graças principalmente ao apoio efetivo que recebe dos setores mais esclarecidos do povo brasileiro. Comparando os resultados da indústria petrolífera em outros países, e particularmente a dos países dominados pelos trustes, com os resultados obtidos pela Petrobrás desde a sua fundação, verifica-se que o ritmo de crescimento desta última nada fica a dever às demais. A produção de petróleo bruto tem aumentado em proporção maior que em qualquer outro país do mundo, no mesmo período, e já atingiu a cifra de 58.000 barris por dia (21 milhões de barris, ou 3.400.000 metros cúbicos por ano, ou ainda 3 milhões de toneladas por ano), cerca de 1/4 do consumo nacional; quando não passava de 5 por cento do consumo nacional há 3 anos. Além da Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão, de 65.000 barris por dia, e da Refinaria de Mataripe, de 5.000 barris por dia a Petrobrás está iniciando a construção da grande refinaria do Rio de Janeiro de 90.000 barris por dia, e ampliando Mataripe para 37.000 barris por dia. Somando-se a essas as refinarias particulares existentes, a capacidade de refinação, que é atualmente de 127.000 barris por dia (60 por cento do consumo nacional) passará a 250.000 barris por dia, atendendo assim, até 1960, a 100 por cento do consumo nacional. Isso sem falar na fábrica de asfaltos e de fertilizantes, e nas outras indústrias subsidiárias projetadas. A economia direta de divisas proporcionada pela Petrobrás atingiu em 1956 a mais de 60 milhões de dólares, e atualmente já é bem maior. Não há pois motivo para os gritos desesperados de "solução imediata", "inadiável", "petróleo já e já", etc. A solução imposta pelo povo brasileiro é a boa solução, capaz de resolver o problema com eficácia e rapidez.

Essa solução não impede os "contratos de serviços técnicos", ao contrário, propicia-os. A Petrobrás, sem descuidar um só instante da formação de pessoal técnico nacional, pode e deve utilizá-los amplamente; desde que tome o cuidado de não cair preponderantemente na dependência de empresas norte-americanas. Para isso, deverá recorrer cada vez mais a empresas européias, e, principalmente, buscar corajosamente, como está fazendo a Argentina, a cooperação técnica e econômica da União Soviética e dos demais países do campo socialista, que se propõem a ajudar-nos na base da igualdade, da não ingerência em nossos assuntos internos, das vantagens recíprocas, e do integral respeito à nossa soberania.



Se bem que as notícias sobre as novas iniciativas do Presidente Frondizi no terreno da política petrolífera ainda sejam um tanto confusas para que se possa emitir uma opinião definitiva, tudo indica que se trata de meros "contratos de serviços técnicos", quer ingerência na administração de YPF. Outra empresa de perfurações norte-americanas se propõe a executar poços sobre o mar, ao longo da costa da Patagônia. YPF será a proprietária exclusiva de tudo isso, e para deixar isso bem claro Frondizi elaborou um projeto de lei assegurando a essa empresa estatal o monopólio da pesquisa e lavra do petróleo, ressalvadas as concessões particu-

para perfuração de poços e construção de oleodutos, do mesmo tipo dos que vem fazendo a Petrobrás, e não de concessões aos trustes. Todas as perfurações serão feitas "nos lugares fixados por YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales, a Petrobrás da Argentina), o que exclui o único tipo de "contrato de serviços" que, em mãos de subsidiárias dos trustes, seria realmente perigoso, o contrato de serviços de pesquisas. Fala-se de um grupo de firmas norte-americanas que se dispõem a vender a crédito, à YPF, 50 milhões de dólares de equipamentos, durante 3 anos, e a perfurar cerca de 4.000 poços, em seis anos, sempre "nos lugares determinados por YPF", atingindo o investimento total a 700 milhões de dólares. Esse grupo será pago parte em dólares e parte em pesos argentinos, e não terá direito a nenhuma percentagem na produção desses poços nem a qual-



MR. ESSO — Mostre os planos da "3ª. posição". Vamos aplicá-la no Brasil...